

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Bruno Fonseca Sbruzzi

**“VOCÊ NÃO SENTE QUANDO FALA?”: análise dos comentários de internautas sobre
as produções de Linn da Quebrada**

BELO HORIZONTE
2022

Bruno Fonseca Sbruzzi

“VOCÊ NÃO SENTE QUANDO FALA?”: análise dos comentários de internautas sobre as produções de Linn da Quebrada

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Luis Flávio Silva Couto
Área de concentração: Processos de Subjetivação

Belo Horizonte

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S276v	<p>Sbruzzi, Bruno Fonseca</p> <p>“Você não sente quando fala?”: análise dos comentários de internautas sobre as produções de Linn da Quebrada / Bruno Fonseca Sbruzzi. Belo Horizonte, 2022.</p> <p>90 f. : il.</p> <p>Orientador: Luis Flávio Silva Couto</p> <p>Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia</p> <p>1. Quebrada, Linn da. 2. Transexuais. 3. Travestis. 4. Transfobia. 5. Gênero. 6. Violência. 7. Mídia social - Comentários. 8. Análise de conteúdo (Comunicação). I. Couto, Luis Flávio Silva. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.</p> <p>SIB PUC MINAS</p> <p>CDU: 301.181-055.3</p>
-------	--

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

Bruno Fonseca Sbruzzi

“VOCÊ NÃO SENTE QUANDO FALA?”: análise dos comentários de internautas sobre as produções de Linn da Quebrada

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Luis Flavio Silva Couto (Orientador)

Professor Doutor Guilherme Massara Rocha (UFMG)

Professora Doutora Luciana Kind do Nascimento (PUC-Minas)

Belo Horizonte, 09 de setembro de 2022.

A todas as pessoas que ousam borrar a imagem do espelho e escolhem amar a partir da contradição. Em especial, a Linn da Quebrada, que foi quem me mostrou a potência de ambas as coisas.

AGRADECIMENTOS

Ao final deste trabalho, gostaria de agradecer às pessoas sem as quais nada disso poderia se materializar, principalmente porque acredito que os sentimentos e as palavras surgem exclusivamente de nossos encontros com a alteridade.

À minha mãe, Dalva, pelo acolhimento, por me mostrar o valor do trabalho e pela insistência na vida.

Ao meu pai, Claudemiro, pelas palavras encorajadoras e pelo estímulo em manter as coisas organizadas.

À Amanda, Denise, Giovana e Nilce pela amizade, confiança na validade do meu projeto e por reconhecerem, em mim, a potência de um pesquisador.

À Marcela e ao Luiz pela irmandade, pelas trocas teóricas e por serem alento nos momentos mais difíceis.

À Taylla e a Walef pela amizade e incentivos.

Ao Thales pela amizade e pelo carinho com o qual me apresentou tantas artes.

À Vina Jaguatirica pelas trocas que me mudaram por inteiro.

À Fran Glam Glam por ser família em terras belorizontinas.

À Leona Souki por sempre me lembrar de onde eu falo e colocar-me em meu lugar.

Ao Luis Flávio, pela orientação criteriosa.

Ao Guilherme Massara pela leitura e contribuições com o projeto.

À Phamela, Laura, Rosemarie, Alexandre, Rafael e Henrique por tornarem o ambiente acadêmico, ainda que virtual, mais leve e prazeroso.

À Faedra e à Nayana, que nem imaginam, mas marcaram meu percurso enquanto pesquisador.

Ao Ítalo e aos meus primos, Luiz Fernando e Enzo Miguel, pela ajuda com as tecnologias.

E por fim, à Thaisa, que tem me colocado a trabalho, instigando em mim o apreço pelo meu desejo.

RESUMO

Este trabalho analisa os comentários de internautas brasileiros sobre as produções artísticas de Linn da Quebrada, em reportagens e no documentário “Bixa Travesty” (2018), disponível para aluguel ou compra na plataforma digital “YouTube”. O estudo objetiva compreender como essas pessoas recebem e se relacionam com o trabalho da artista que aborda de maneira direta a transfobia que ela mesma sofre. Para tanto, foi realizado um estudo qualitativo de caráter exploratório descritivo, a partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). O fluxo de análise resultou no agrupamento dos comentários em 10 categorias: “Reações frente a diferença anatômica dos sexos” (dividida nas subcategorias: 1) Comentários deslegitimadores das identidades trans/travesti; 2) Comentários legitimadores das identidades trans/travesti; 3) Comentários contra trans/travesti; 4) Comentários pró trans/travesti), “Comentários vinculados a ideais religiosos”; “Comentários violentos/Ofensas”, “Comentários negativos”, “Comentários vinculados a ideais políticos”, “Comentários reflexivos/provocadores”, “Comentários positivos” e “Demonstrações de afetos positivos para com a artista”. Foi possível identificar que a recepção dos internautas ao trabalho de Linn da Quebrada está intimamente ligada às concepções de cada indivíduo sobre os conceitos: “sexo”, “gênero” e “sexualidade”. As categorias mais significativas foram “Comentários violentos/Ofensas” com 24,3% dos comentários e “Comentários positivos” com 20%. Entretanto, é relevante apontar que 93,47% dos “Comentários positivos” foram retirados do documentário “Bixa Travesty” (2008) no “YouTube”, plataforma na qual observamos um maior engajamento dos admiradores da artista. Para mais, excluídos os comentários dos internautas do “YouTube”, percebemos que as categorias relacionadas aos processos de segregação e privação dos direitos das pessoas trans e travesti (“Comentários violentos/Ofensas”, “Comentários vinculados a ideais religiosos”, “Comentários deslegitimadores das identidades trans/travesti”, “Comentários negativos”, “Comentários contra trans/travesti”) somam 69,2% dos resultados. A discussão também nos permite apontar que a transfobia é uma violência estrutural, corroborando com Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012) ao afirmarem que, no que se refere a essa violência, senso comum e pensamento científico hegemônico se retroalimentam. Por fim, sugere-se que mais pesquisas, para além das já realizadas sobre o processo transexualizador, sejam realizadas, a fim de sanar os problemas decorrentes da transfobia.

Palavras-chave: Transfobia. Linn da Quebrada. Sexo. Gênero. Violência.

ABSTRACT

This work analyzes the commentaries of Brazilian internet users on the artistic productions by Linn da Quebrada in the press and in the documentary titled “Bixa Travesty” (2018), available to rent or buying on digital platform “YouTube”. This study aims to comprehend what those people receive and how they relate with the work of the artist mentioned above that discusses directly the transfobia she suffers herself. For that purpose, a qualitative study with exploratory character was made based on the Analysis of Content (BARDIN, 2011.) The analysis flux has resulted in a grouping of 10 types of commentaries: “reactions on the anatomic difference of sexes (divided in subcategories: 1) “Commentaries deslegitimizing the identities of trans/travesti”, 2) “Commentaries legitimizing the trans/travesti identities”, 3) “Commentaries against trans/travesti identities”, 4) “Commentaries pro trans/travesti identities”), “Commentaries linked to religious ideas”, “Violent/offensive commentaries”, “Negative commentaries”, “Commentaries linked to political ideas”, “Reflexive/provoking commentaries”, “Positive commentaries” and “Demonstrations of affection towards the artist”. It was possible to identify that the reception of internet users to Linn da Quebrada’s work is intimately related to each individuals conceptions about the concepts of: “sex”, “gender” and “sexuality”, the most significant categories were “Violent/Offensive categories” with 24,3% of commentaries and “Positive commentaries” showing 20%. However, it is relevant to point out that 93,47% of those “Positive commentaries” were removed from the section of comments on the documentary “Bixa Travesty” (2008) on “YouTube”, platform on which we observe larger engagement to the singer’s admirers. Furthermore, by excluding internet users commentaries from “YouTube”, we realized that the categories related to the process of segregation and privation of trans/travesti rights (“Violent/Offensive commentaries”, “Commentaries linked to religious ideas”, “Commentaries deslegitimizers of the trans/travesti identities, “negative commentaries”, “Commentaries against trans/travesti identities totalize 69,2% of results. The discussion has also allowed us to point out that transfobia is a structural violence, in agreement with Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012) when they affirm that, referring to this violence, the common sense and the hegemonic scientific discourse feedback themselves. In sum, it is suggested that more research, beyond the ones already done about the transsexuality process, should be made, in order to contribute to the problems decurring from transfobia.

Keywords: Transfobia. Linn da Quebrada. Sex. Gender. Violence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Total de comentários analisados em categorias	45
Figura 2 - Total de comentários do YouTube analisados em categorias.....	46
Figura 3 - Total de comentários analisados em categorias, exceto os retirados do YouTube...	46
Figura 4 - Pesquisa por “aberração bíblia” no site Google.....	55

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	VIRILIDADE: O HOMEM PERFEITO E SUAS FISSURAS	18
2.1	A construção da virilidade tradicional e a nova cultura da virilidade juvenil.....	18
2.2	O lugar do pai na estruturação subjetiva.....	29
2.3	Declinações do pai.....	33
3	ESCOLHAS METODOLÓGICAS.....	38
3.1	Definição do Campo	38
3.2	As técnicas e o corpus de análise	40
4	DISCUSSÃO DAS CATEGORIAS.....	45
4.1	Reações frente à diferença anatômica dos sexos.....	46
4.2	Comentários vinculados a ideais religiosos	52
4.3	Comentários violentos/Ofensas	53
4.4	Comentários negativos	56
4.5	Comentários vinculados a ideais políticos	58
4.6	Comentários reflexivos/provocadores.....	60
4.7	Comentários positivos	63
4.8	Demonstrações de afetos positivos para com a artista	64
5	TRANSFOBIA, SENSO COMUM E PENSAMENTO CIENTÍFICO HEGEMÔNICO	67
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
	REFERÊNCIAS	83

1 INTRODUÇÃO

De noite pelas calçadas / Andando de esquina em esquina / Não é homem nem mulher / É uma trava feminina / Parou entre uns edifícios, mostrou todos seus orifícios / Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação / É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto / Está sempre em desconstrução (Trecho de “Mulher” – Linn da Quebrada)

Segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), o Brasil é o país que mais mata pessoas transexuais no mundo. Em 2021, foram registrados, em nosso país, 140 assassinatos de pessoas trans, sendo o primeiro país no ranking global pelo 13º ano consecutivo. Para além dos casos notificados, a ANTRA ainda endossa a subnotificação dos números, ressaltando que a questão é ainda mais grave do que se aparenta.

Nessa perspectiva, torna-se necessário definir alguns termos relevantes para a compreensão dessas violências, resultantes do engodo na crença da existência de um suposto sistema universal existente entre sexo, gênero e orientação sexual.

Cevasco (2010) faz uma diferenciação, dentro do sistema sexo-gênero, caracterizando o primeiro enquanto tudo aquilo que parte da diferença anatômica e o segundo enquanto resultado de uma experiência sociocultural. Sexo, portanto, é definido pelos aspectos cromossômicos, hormonais e gonodais. Tal distinção divide os sexos entre macho e fêmea, e se estabelece enquanto uma primeira marca na identidade do sujeito, podendo apresentar algumas variações, como as pessoas intersexo. Já o gênero refere-se a um conceito utilizado em função da atribuição de identidades e papéis sociais baseados na dicotomia sexual: homem/mulher, masculino/feminino. Tal concepção parte da suposição de que as categorias de gênero conseguem englobar as condutas sociais/sexuais atribuídas a homens e mulheres dentro do que cada cultura estabelece enquanto modelo ideal, incluindo inclusive a heterossexualidade enquanto uma norma.

Diante disso, cada cultura acaba criando certos estereótipos de gênero na qual

[...] os traços de personalidade são agrupados em dois grandes grupos segundo a similaridade do traço com a construção sócio-cultural [sic] dos conceitos de masculinidade e feminilidade. Assim, traços individualistas ou instrumentais (por exemplo: independente, agressivo, racional) caracterizam-se como sendo pertinentes à masculinidade e traços coletivistas ou expressivos (por exemplo: amorosa, sensível, delicada) como pertinentes à feminilidade. Sendo a masculinidade e a feminilidade construtos sociais que definem características pertinentes a homens e mulheres, respectivamente (Melo et al., 2004, p. 252).

Ceccarelli (2017, p. 139) afirma que, na medida em que a sociedade relaciona a orientação sexual e o gênero ao sexo, tais características passam, então, a ser entendidas enquanto “naturais” de forma que pelo

[...] ponto de vista da biologia, o sexo é definido pelos genitais: macho/fêmea; as representações e os papéis sociais que se espera de um homem e de uma mulher ditam o gênero; o desejo deveria ocorrer entre sexos opostos; quanto à ‘orientação sexual’, a heterossexual é a norma em consonância com o sexo e o gênero da pessoa, em vista da preservação da espécie.

Nesse contexto, podemos, agora, iniciar uma discussão acerca das violências sofridas pela população trans no Brasil, uma vez que a problemática desvela a dificuldade da sociedade brasileira com esses dois temas bastante complexos da experiência humana: o gênero e a sexualidade.

No que tange o gênero, é necessário precisarmos os conceitos de “cisgênero” e “transgênero”, que são usados para caracterizar algumas possibilidades de identidade. O primeiro deles refere-se à pessoa que possui a correspondência entre a sua identidade de gênero e o sexo designado no nascimento, enquanto o segundo diz respeito às pessoas que se identificam com um gênero diferente daquele que o designaram. É importante ressaltar que a expressão “transgênero” pode ser considerada um termo “guarda-chuva” por incluir tanto a identidade transexual quanto a travesti.

Quanto à identidade feminina travesti, Giovanna Heliodoro aponta os equívocos relativos à sua definição. Segundo a historiadora:

Por muito tempo, as pessoas acreditaram que a mulher trans era a ‘mulher operada’. Enquanto travesti era a ‘pessoa que não operou’ e se parecia mais com homem. Esse pensamento é extremamente errôneo e abominável hoje em dia. A gente entende que nada tem a ver com cirurgia ou com o que é mais feminino (Heliodoro, 2022 como citado em Rodrigues, 2022).

Segundo Giovanna Heliodoro (2022) Travesti é uma identidade de gênero feminina [...] historicamente latino-americana, que foi reprimida. A palavra trans é aquela que se encontra dentro do espectro binário, ou seja, a mulher trans se reconhece dentro da mulheridade, o que é se assumir mulher na sociedade. Enquanto a travesti se assume, como muito bem disse Linn da Quebrada, para além disso: ‘não sou homem, não sou mulher. Sou travesti’ (Heliodoro, 2022 como citado em Rodrigues, 2022).

Nesse contexto, entendemos a transfobia como uma violência física, moral e/ou psicológica dirigida a pessoas transexuais e travestis, sendo ela decorrente da normatização da

cisgeneridade e da heterossexualidade enquanto dispositivos naturais e compulsórios (Miskolci, 2009). Dessa forma, cabe ressaltar que os assassinatos relatados anteriormente referem-se aos crimes motivados especificamente pela transfobia.

Entretanto, percebemos que, com os avanços da biomedicina e com a liberdade sexual no século XX, a transexualidade foi ganhando visibilidade não apenas no campo individual, mas também no campo da saúde, já que, em 1910, Magnus Hirschfeld cunha o termo “Transexualismo psíquico”. Posteriormente, em 1977, essa condição é incorporada à categoria psiquiátrica de “Disforia de gênero”. Já em 1980, a condição transexual é incluída no DSM III, e em, 1994, passa a ser nomeada como “Transtorno de identidade de gênero” no DSM IV (Arán & Murta, 2009).

Posto isso, cabe destacar a postura revolucionária e libertadora de Freud, em seus estudos, principalmente no que tange as suas considerações quanto à moral sexual, uma vez que foram elaboradas pelo autor ainda no final do século XIX e início do século XX. Estas ideias entravam em discordância com a concepção tanto da psiquiatria quanto da sexologia da época, que consideravam a reprodução como único objetivo da sexualidade. Tal aspecto era o parâmetro classificatório do que viria a ser uma sexualidade normal ou patológica (Cecarelli, 2017).

Em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, Freud rompe com as teorias vigentes, ao abordar o tema apontando os desvios de objeto sexual (pessoa de que provém a atração sexual) e de alvo sexual (ação para qual a pulsão impele) presente na sexualidade humana desde a infância – outro ponto negligenciado pelos sexólogos da época.

Ao fazer isso, Freud (1905) desnaturaliza a ligação entre pulsão e objeto sexual na medida em que demonstra que o alvo pode não ser a reprodução, mas sim a obtenção de prazer, bem como a possível variação do objeto devido ao caráter parcial das pulsões. Outro aspecto importante salientado por Freud (1905) são as constatações sobre a sexualidade infantil, ao perceber o prazer obtido de manifestações como o chuchar, a retenção das fezes e a estimulação genital.

Para além dessas variações, podemos perceber o caráter desnaturalizado da pulsão na própria existência da transexualidade, uma vez que podemos entendê-la enquanto uma não correspondência entre o órgão genital e o gênero designado ao nascimento.

Sendo assim, percebemos ainda hoje duas correntes de pensamento opostas. De um lado podemos apontar aqueles que compreendem e reconhecem a pluralidade das pessoas, das identidades de gênero e orientação sexual; e, de outro lado, notamos ainda, como na época de

Freud, pessoas que continuam compreendendo e legitimando o sexo, o gênero e a orientação sexual apenas em sua matriz cis-heterossexual.

Nesse sentido, através de processos socioculturais, a matriz cis-heterossexual é erroneamente inculcada no pensamento das pessoas como a única possibilidade de ser no mundo. Podemos observar a presença desses processos em várias ações com finalidade regulatória e punitiva de experiências não cisgêneras e nem heterossexuais, como por exemplo: na tentativa de censura de uma história em quadrinhos que mostrava o beijo de dois homens na Bienal do Livro do Rio (Coelho, 2019), na falta de financiamento da Agência Nacional do Cinema (ANCINE) para filmes com a temática LGBT (Soto, 2019) ou nas frequentes notícias em jornais sobre ataques a essa parcela da população.

Tais ações são frequentemente impulsionadas e reafirmadas pelas autoridades brasileiras, que desvelam suas tendências antidemocráticas em falas que reproduzem violências de gênero e em relação à sexualidade, tais como as frases: “Menino veste azul e menina veste Rosa”, proferida pela atual Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos (Quinalha, 2019); e “Homofóbico, sim, com muito orgulho” proferida pelo atual presidente do país (“Em vídeo, Bolsonaro diz que gays ‘não terão sossego’: ‘sou homofóbico sim com muito orgulho’”, 2018).

Nessa perspectiva, é pertinente ressaltar que o presente estudo surge primeiramente das violências que incidiram sobre o corpo do pesquisador. Por isso, aproveito o momento para me localizar não apenas enquanto cientista, mas também como homem gay, que desde criança foi atacado por apresentar comportamentos tidos como não masculinos.

Desse modo, minha construção identitária vem sendo formada a partir de inúmeras experiências. Inicialmente tive meu corpo marcado por uma matriz cis-heteronormativa do norte de Minas Gerais, com pouco ou quase nenhum acesso a referências LGBT, realidade esta que foi significativamente modificada apenas com o meu ingresso no ensino superior.

No que toca o acesso às referências, sejam elas LGBT ou quaisquer outras, torna-se relevante apontar a ascensão da Internet, visto que atualmente ela exerce um papel importantíssimo na construção das subjetividades, na divulgação das informações e também como um campo fértil de pesquisa.

Nesse sentido, é justamente na intercessão desses espaços de disputada que essa pesquisa é realizada, entendendo que o enfoque na transfobia se concretiza a partir da minha compreensão de que essa violência aglutina de maneira radical todas as intolerâncias que vivenciei e/ou presenciei enquanto integrante da comunidade LGBT.

Sendo assim, torna-se pertinente levantarmos o questionamento feito pela cantora transexual Linn da Quebrada em sua música “*Submissa do 7º dia*” para aqueles que, de alguma

maneira violentam sua existência e ou seu trabalho: “*Estou procurando/ Estou tentando entender/ O que é que tem em mim/ Que tanto incomoda você*”.

Para maior conhecimento daqueles que ainda não a conhecem, apresentamos alguns dados biográficos da artista transsexual que, com o seu trabalho, trouxe a problemática que motiva essa pesquisa. Linn da Quebrada é o nome artístico de Lina Pereira, que, além de cantora, trabalha também como compositora e atriz. Nascida na capital paulista em 18 de julho de 1990, a artista é hoje consagrada enquanto um dos maiores expoentes no cenário musical LGBT brasileiro.

Linn da Quebrada ascendeu nas mídias sociais a partir de sua postura particularmente confrontadora e sarcástica, utilizando o choque de culturas, a exposição de tabus e desconstruindo estereótipos, sendo reconhecida pelo seu ativismo em pautas LGBT e do movimento negro. Sobre o início de sua carreira, a cantora diz:

Eu vivi na periferia com minha mãe, e lá a música comunica – música como o funk, o samba, de preto e preta, de linguagem direta, que movimentam o corpo. Também ali tive contato com as músicas LGBT, músicas de bicha, que estão nas baladas. E percebi que esse tipo de música me movimentava, mas estava somente relacionada ao universo machista. E por acreditar que a música também é um espaço a ser ocupado e contaminado, por que não eu fazer algo que eu quisesse ouvir? Foi aí que eu decidi começar meu trabalho com as minhas histórias (*apud* PEREIRA, 2016)

Além de seu trabalho como cantora, Linn da Quebrada também foi protagonista do documentário “*Bixa Travesty*” (2018), dirigido por Claudia Priscilla e Kiko Goifman, que captura a esfera pública e privada da vida da cantora. A obra foi homenageada com o prêmio *Teddy Award* de melhor documentário no Festival Internacional de Berlim de 2018.

Sobre os atravessamentos entre a vida pública e privada, a artista faz questão de deixar claro, tanto em suas entrevistas quanto em suas músicas, que teve uma criação religiosa muito forte. Fala sobre como foi ter crescido como Testemunha de Jeová e do sofrimento que passou com as inúmeras tentativas de domesticação de seu corpo, que culminaram na sua expulsão da igreja (Eiroa, 2016).

No que tange à produção musical, a cantora trata de assuntos complexos de maneira densa, sem poupar quem a escuta da dura realidade que pessoas marginalizadas vivem em nossa sociedade, causando, com isso, reações que vão desde o entusiasmo até o desconforto e a estranheza nos telespectadores.

Para além de suas produções audiovisuais destacamos nessa pesquisa a participação de Linn da Quebrada no reality show *Big Brother Brasil* (2022) por entender tal feito enquanto um

marco tanto na vida pessoal da artista como também do Brasil. Nessa perspectiva Maria Clara Araújo dos Passos (2022) aponta que nosso país se viu diante de uma oportunidade pedagógica, uma vez que, pudemos acompanhar uma travesti em toda a sua complexidade humana para além da maneira hipersexualizada, satirizada e/ou criminalizada que mídia construiu sobre as travestis.

Nesse sentido, percebemos que Linn dá voz às travestis e às demais pessoas que transgridem a norma cisgênero heterossexual e afirma: “Tentaram me matar diversas vezes me gritando viado ou bicha, dizendo que eu não poderia fazer aquilo comigo mesma. Eu sou uma bicha transviada e me dou o direito de ter vida!” (Linn como citado em Eiroa, 2016).

Nesse sentido, para entendermos a conjuntura atual na qual esse trabalho surge é de extrema importância entendermos os processos históricos e sociais que engendraram, até então, as disputas de espaço e poder.

Começamos pela questão dos estereótipos de gênero, que, ao mesmo tempo, moldam as representações e o papel de cada um em nossa sociedade, ao passo que também pune e segrega as pessoas que não correspondem à norma estabelecida ou questionam-na.

Segundo Flávia Bonfim (2020), observamos, desde meados do século XX, um abalo no que diz respeito à identidade e à imagem do homem ocidental, visto que, como bem aponta Jean-Jacques Courtine (2013), tal identidade foi construída sob a égide do ideal da virilidade, levando-nos a igualar erroneamente o ser viril e o ser masculino.

Seguindo essa lógica de raciocínio, Flávia Bonfim (2020) adverte um ponto fundamental na desconstrução e desnaturalização dos gêneros. Para a autora, é necessário distanciarmos a masculinidade da virilidade, a fim de evitarmos o engodo dos ideais totalizantes. Nesse aspecto, Georges Vigarello (2013, p. 11) aponta que: “[...] o termo latino *vir* estabelecerá por longo tempo em inúmeras línguas ocidentais, *virilita*, ‘virilidade’, *virility*: princípios de comportamentos e de ações designando, no Ocidente, as qualidades do homem concluído, dito outramente, o mais ‘perfeito’ do masculino”.

Desse modo, podemos, agora, compreender como virilidade e masculinidade não necessariamente são aspectos homogêneos e hegemônicos, uma vez que a virilidade relaciona-se principalmente com aspectos comportamentais advindos da socialização e não orgânicos. Nesse sentido, o conceito de virilidade está vinculado ao excesso, a uma figura mítica do que socialmente foi dito que o homem deve ser: sempre corajoso, forte, vigoroso, dominador e livre de manifestações sentimentais (Bonfim, 2020).

Posto isso, Flávia Bonfim (2020, p. 11) afirma que:

Sustentar um ideal de virilidade também pode ser um engodo para o homem. Podemos pensá-lo como uma face do supereu feroz que, ao mesmo tempo que impõe tais exigências, também está ali para denunciar sua impossibilidade. Se o homem carrega consigo esse ideal a qualquer preço, ele também leva em sua sombra o temor da vulnerabilidade corporal, sexual e moral. Ou seja, o próprio temor da castração – ponto nodal no qual Freud estruturou a sexualidade masculina.

Nesse sentido, estando evidente a impossibilidade de tal ideal, podemos apontar os movimentos existentes ao longo da história que foram imprescindíveis para a articulação desses pensamentos e da resistência frente às concepções conservadoras e normatizadoras da experiência humana.

Destacamos, nesse momento, que o processo de industrialização mudou profundamente a maneira como a sociedade organiza o trabalho, alterando a malha social tanto em níveis sociais e econômicos. No que tange tais mudanças, ressaltamos a substituição da força humana pelas máquinas e a maior presença de mulheres nas fábricas e nos mais demais espaços laborais.

Diante desse cenário histórico, Michel Pigenet (2013, p. 281) afirma que a “mecanização causa abalos nas posições masculinas mais enraizadas e aguça todos os temores”, visto que, com as mudanças sociais, os homens precisam lidar com a ameaça do desemprego ou com uma remuneração menor.

No decorrer da história, outros eventos impactaram a sociedade e as masculinidades de maneira radical. Tomemos como exemplo disso tanto a Primeira quanto a Segunda Grande Guerra. Primeiro porque elas acabaram reforçando os papéis socialmente construindo dos gêneros, ao encaminhar os homens para o campo de batalha e as mulheres para os cuidados com a casa e a prole, e segundo porque apresentaram de uma maneira muito dura e concreta a impotência do homem viril. Nesse sentido, na guerra, os corpos desmembrados dos homens apontaram dois golpes: a castração real e visível de um membro e o golpe simbólico, apontando para a impotência masculina (Audoin-Rouzeau, 2013), traumas que chegaram e foram também trabalhados na clínica de Freud (Bonfim, 2020).

Para além desses eventos, o feminismo também ocupa um lugar bastante significativo nas mudanças sociais ocorridas ao longo dos anos, as quais se iniciaram nas últimas décadas do século XIX, no Reino Unido, quando as mulheres reivindicaram o direito ao voto. Céli Regina Jardim Pinto (2009) aponta que o feminismo possui uma característica bastante particular por possuir uma reflexão crítica própria, a qual se produz tanto enquanto militância como teoria.

Nesse aspecto, destaca-se que o movimento expandiu-se pelo mundo organizando inúmeras mulheres em um movimento libertário que luta não só pelo espaço delas na vida

pública, no trabalho e na educação, mas também, por um novo modo de relacionamento entre homens e mulheres, no qual estas tenham a liberdade e autonomia para decidir sobre seus corpos e suas vidas (Pinto, 2009).

E, por último, ressaltamos o movimento pelos direitos da população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais), inicialmente chamado de Movimento Gay. Apesar de eventos e organizações anteriores terem ocorrido, tem-se como marco a Revolta de Stonewall iniciada no dia 28 de junho de 1969, em um bar de Nova York chamado *The Stonewall Inn*. O estabelecimento era um ponto de encontro de gays, lésbicas e travestis que cotidianamente enfrentavam batidas e repressões policiais. Entretanto, naquele dia, em vez de fugirem da polícia, as pessoas presentes reagiram à repressão, trancaram os policiais no bar, incendiaram e atiraram pedras e garrafas, dando início a um confronto que durou cerca de três dias. Tais reivindicações apresentaram à sociedade, de maneira contundente, a existência de pessoas que não seguiam a norma cisgênero e heterossexual.

2 VIRILIDADE: O HOMEM PERFEITO E SUAS FISSURAS

2.1 A construção da virilidade tradicional e a nova cultura da virilidade juvenil

Vocês, homens, vocês fizeram tudo muito direitinho né?! Vocês fizeram seus joguinhos, fizeram as suas redes, vocês se ajudaram, vocês estavam fazendo as coisas todas para se protegerem e deixando ao feminino num lugar recluso, competindo por vocês, mas que joguinho sujo, e acharam que a gente não fosse fazer nada né?! [...]. (YouTube Filmes, 2019).

É com esse confronto aos homens que Linn da Quebrada expõe tanto a dominação masculina quanto os aspectos da sua perpetuação ao longo da história da humanidade. Como apontado pela artista, os processos dos homens de dominação deixaram o feminino segregado, de forma que, se por um lado observamos, a partir das lutas feministas, as mulheres se beneficiarem de direitos políticos e jurídicos, por outro raramente notamos o mesmo acontecer quanto aos direitos sociais e econômicos (Haroche, 2013).

Quanto ao comentário preciso de Linn da Quebrada, nos interessa, nesse momento, como a dominação masculina vem se perpetuando, ou seja, através de quais dispositivos os homens continuam dominando a sociedade a níveis econômicos, sociais e políticos?

Nesse sentido, a partir da afirmativa de Claudine Haroche (2013, p. 17) de que “[a] virilidade é o elemento central da memória da dominação masculina”, buscaremos explicitar: a) como o conceito de virilidade foi sendo construído; b) de que modo e por que ele se mantém como pilar da dominação masculina; c) quais as consequências da manutenção desse ideal.

Começaremos pelo conceito de virilidade, uma vez que este é o fio pelo qual as redes de agrupamentos masculinos são geralmente construídas. Haroche (2013) aponta que, independentemente do momento histórico, tal termo é utilizado como um sinônimo de força física ou, no mínimo, comporta sua suposição junto da força simbólica e moral (homem de forte caráter, autodomínio, firmeza e resistência), consideradas como traços essenciais do masculino.

A virilidade é, então, um elemento construído a partir de vários atributos, os quais envolvem não apenas aspectos físicos e orgânicos como também sociais e psicológicos. O homem deve então ser forte, vigoroso, corajoso, inteligente, racional e comedido em suas manifestações sentimentais. Haroche (2013, p. 16) vai destacar que tais associações acabam resultando na naturalização da ideia de que o homem possui “[...] a aptidão para a decisão racional vista como necessária para o poder.”.

Sendo assim, podemos perceber que a manutenção da virilidade não exige necessariamente a dominação física do outro através da força, na realidade, sua perpetuação

acontece através de mecanismos insidiosos como é o caso dos processos de naturalização de características psicológicas (Haroche, 2013).

Estando agora alertados quanto ao caráter não essencialista do homem enquanto ser viril, é de extrema relevância entender como a virilidade foi ao mesmo tempo sendo construída e associada ao masculino.

Arnaud Baubérot (2013, p. 189), baseando-se nas contribuições de Simone de Beauvoir em *Segundo Sexo*, escreve: “Não se nasce viril, torna-se viril”. Com essa afirmação, o autor busca contemplar a necessidade de se discutir o trabalho de inculcação pelo qual a sociedade também conduz o homem a conformar-se com as características físicas e morais específicas do estado viril.

Nesse sentido, o autor salienta que, a partir das produções acadêmicas proporcionadas pela “segunda onda” do feminismo, foram iniciados diversos estudos que tinham por objetivo estender as discussões do caráter alienante das identidades sexuais também para o gênero masculino, marcando, em seu rastreamento bibliográfico, os textos *La fabrication des mâles* (1975), publicado por Georges Falconnet e Nadine Lefaucheur, e *XY* (1992), de Elisabeth Badinter, enquanto expoentes dessa discussão.

Partindo da ideia de que, assim como todas as construções estão sujeitas às mudanças ambientais e sócio-políticas, os estereótipos de gênero também não se mantiveram estáticos. Inúmeras foram as mudanças relacionadas aos papéis assumidos tanto pela mulher quanto pelo homem que modificaram a apresentação e as formas de introjeção da virilidade na sociedade.

Apesar da impossibilidade de apresentarmos aqui todas as nuances da relação ao mesmo tempo íntima e precária desenvolvida entre o ser homem e o ser viril é de extrema importância registrarmos os esforços empreendidos por Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello (2013a, 2013b, 2013c), que organizaram uma coleção em três volumes da “História da virilidade”, apresentando as construções presentes desde a Antiguidade, passando pelas Luzes, pelo século XIX e, finalmente, chegando ao questionamento sobre sua crise nos séculos XX e XXI.

A título de localização e a fim de temporalizarmos as discussões, tomaremos as mecânicas de produção da virilidade principalmente no contexto das sociedades ocidentais, buscando discorrer essa construção justamente a partir de um aspecto dialético que se torna mais evidente nos séculos XX e XXI, como descrito por Arnaud Baubérot (2013), por meio de duas dimensões: a virilidade tradicional e o abalo de tal modelo.

No que tange à dimensão da virilidade tradicional, tomemos como estereótipo de sua definição os atributos particularmente associados ao homem maduro, esposo, pai e chefe de

família. Tal virtude será conferida principalmente por uma construção na qual um jovem só conseguirá ascender ao status de viril a partir de sua entrada na vida adulta. Entretanto, para que a validação social da virilidade do menino se concretize, será necessário que ele atravesse uma série de ritos de passagem presentes nos mais diversos ambientes de sociabilidade: na família, com seus pares, na escola, no quartel e no trabalho (Baubérot, 2013).

Nessa lógica, a família é a porta de entrada da criança para o meio social, sendo justamente por isso um eixo central tanto para o desenvolvimento psíquico quanto para as construções dos papéis exercidos pelo homem e pela mulher dentro da sociedade. Entretanto a função da família nesse processo não se dá de maneira universal, fatores como condições econômicas, sociais e políticas influenciaram diretamente em como os hábitos e papéis de cada gênero serão transmitidos (Baubérot, 2013).

Durante os dois primeiros terços do século XX, os hábitos e estereótipos de gênero mantiveram a lógica burguesa tradicional quanto às questões do público e privado, na qual as atividades domésticas de manutenção e cuidado ficavam a cargo das mulheres, enquanto as externas e de geração de renda eram responsabilidades masculinas. Entretanto, se por um lado, a mulher, nas camadas burguesas da sociedade, continuava a desempenhar a gerência doméstica e os cuidados com os filhos, nas camadas populares, observamos um acréscimo no qual a necessidade financeira exigiu uma maior inserção da mulher no mercado de trabalho. Fator esse que acabou por limitar a vida em família no cotidiano das crianças nascidas em camadas populares da sociedade (Baubérot, 2013).

Quanto à criação propriamente dita das crianças, observamos que sua inserção no contexto familiar se dá antes mesmo do nascimento. Em termos simbólicos, durante a gravidez a criança já é falada, o sexo passa a ser algo importante e aguardado, inclusive para fins de nomeação. Pesquisas realizadas em 1970¹ demonstraram que, por volta de 24 horas após o nascimento, podem ser observadas distinções nas qualificações dadas a depender do sexo do bebê: geralmente os meninos são descritos com maiores, com mamadas mais duradouras, com desmame e aprendizagem de higiene tardios – mesmo que, em termos práticos, tenham o mesmo tamanho e se alimentem da mesma forma que as meninas) (Baubérot, 2013).

Arnaud Baubérot (2013) aponta, também, que essas diferenciações quanto ao gênero se dão de uma forma precoce e inconsciente. No âmbito formal, características físicas marcantes

¹ Luria, Z. (1978). Genre et étiquetage: l'effet Pirandello. In É. Sullerto, & O. Thibault. (Orgs). *Le fait féminin*. (p. 237-238). (como citado em Baubérot, 2013, p. 192); Belotti, E. G. (1973). *Du côté des petites filles*. Des Femmes, 1973. (como citado em Baubérot, 2013, p. 192).

podem ser observadas por volta dos 4 a 5 anos quando as meninas passam a ser trajadas com vestidos e os cabelos são mantidos mais longos.

Para além dos hábitos ligados à sociabilidade, torna-se necessário, ainda, dentro do contexto familiar, discutirmos as questões relativas às atividades lúdicas, uma vez que os brinquedos são, em sua grande maioria, carregados de conotação sexuada e com grande influência na sociabilidade das crianças – principalmente a partir do final do século XIX, com o sucesso da indústria do brinquedo. Nesse contexto, destaca-se que os produtos destinados às meninas surgiam sempre do universo relacionado à maternidade e ao cuidado com o lar – como as bonecas, os enxovais e as casas em miniatura –, e, para os meninos, aqueles relacionados ao contexto de guerra e automobilístico como – carros, aviões, trens, jogos de bricolagem/construção e canhões panóplias (Baubérot, 2013).

Assim sendo, Arnaud Baubérot (2013) aponta que marcadores biológicos, como a presença dos pelos e a voz grave, somados aos aspectos advindos da sociabilidade, como o interesse pelos brinquedos de guerra, aventura e exploração, encorajam o menino a manifestar comportamentos tidos como viris. Sobre a conformidade dos brinquedos masculinos aos padrões da virilidade, o autor afirma também que tal associação “[...] resulta, provavelmente, menos de uma estratégia consciente do que das pressões do conformismo social e do desejo das crianças em imitar a vida adulta para atribuir-se, de forma imaginária, as qualidades, as competências e as experiências desse universo adulto” (Baubérot, 2013, p. 195).

A família, em seu modelo tradicional burguês, será, então, o primeiro lugar de reconhecimento das atitudes viris do menino, as quais, em linhas gerais, se dão a partir do incentivo e vislumbre pela criança do que Arnaud Baubérot (2013) chamou de saída “da barra da saia da mãe”, sendo essa a conformidade social para o qual o menino é criado: tornar-se um homem maduro capaz chefiar sua própria família.

Paralelamente à família, a relação com os pares é também determinante para a construção e aderência das qualidades viris. Chamaremos de “bandos” os grupos nos quais essas relações serão iniciadas e estabelecidas, tendo como base o território e a faixa etária de seus integrantes (Baubérot, 2013). Nesse momento, é importante ressaltarmos que, se por um lado, os meninos incentivados a sair da barra da saia de suas mães buscam seus pares, do outro lado, as meninas ficam menos livres e raramente participam desses grupos, geralmente por serem mobilizadas para ajudarem suas mães nas tarefas domésticas (Baubérot, 2013).

Os bandos caracterizam-se por representar um espaço transicional entre a infância e a vida adulta. Segundo Arnaud Baubérot (2013), ainda crianças sobre os olhares dos adultos, os meninos procuram, então, afirmar sua virilidade ante seus pares e semelhantes. Nesse contexto

mais homogêneo, a virilidade é então exercida em sua maneira mais exacerbada, feita a partir da dureza, com jogos de força, coragem, desafios às autoridades e autoafirmação.

São frequentes, dentro dos bandos, iniciações como o consumo de álcool, cigarro, jogos obscenos, furtos, nos quais a vulgaridade precoce e as disposições físicas, como a maturidade corporal, geralmente delimitam os signos viris daquele que vem a se tornar o chefe do bando. Entretanto, por as relações se darem entre pares, a autoridade é sempre precária, e uma simples diminuição/depreciação da forma física do “chefe” basta para pôr em questão a posição de dominância (Baubérot, 2013).

As vivências descritas nessa fase comportam um paradoxo sobre o qual a virilidade vai sendo construída, uma vez que, mesmo as violências e os excessos sendo percebidos enquanto signos de uma masculinidade desenfreada, eles são também tolerados já que, para os adultos, deve-se desculpar os ímpetos, a inexperiência e a ansiedade da juventude, aspectos esses naturalizados e normalizados nos meninos (Baubérot, 2013). Para além das desculpas concedidas, observa-se também que maridos dominados por suas esposas ou com uma diferença de idade acentuada sofrem represálias e coerções por não compactuarem com o ideal de masculinidade viril (Baubérot, 2013).

Mesmo com os esforços e com a saída da infância por meio das relações desenvolvidas nos bandos, permeadas pelo consumo do álcool, pela aderência aos jogos de azar e pela contestação da autoridade, apenas isso não é capaz de conferir ao jovem um estatuto de homem (Baubérot, 2013). Isso inegavelmente o distancia da família, mas ainda não o torna um potencial chefe de família. Nesse aspecto, alguns aparatos sociais e institucionais exercem importância fundamental na constituição do ideal viril que um homem deve possuir não apenas para ser legitimado entre os pares, mas também dentro da sociedade como um todo. Destacaremos nesse momento alguns deles: o escotismo, o ensino escolar, o quartel e o trabalho.

O escotismo é uma prática baseada na ideologia “*Muscular Christianity*”, surgida na Grã-Bretanha no meio do século XIX, que comporta a prática de atividades físicas ao ar livre como um meio para se desenvolver a força física, a retidão moral e a profundidade espiritual (Baubérot, 2013). Sendo assim, podemos pensá-la também como um aparato social que tem como uma de suas funções ir readequando os excessos que surgiram entre os bandos e desenvolvendo a capacidade adaptativa do jovem, característica bastante estimada naquele contexto histórico. (Baubérot, 2013).

Seguindo o raciocínio, Arnaud Baubérot (2013) afirma que o período entre guerras fez surgir um novo estereótipo de virilidade, no qual o horizonte do homem maduro e pai de família dá lugar ao vigor físico e moral do jovem rapaz patriota, cultivado por uma vida aventureira em

contato com a natureza. Tais características apreciadas nesse momento influenciaram também as meninas que vieram a participar desse movimento, as escotistas, também chamadas de “alberguistas”, precisam fugir da imagem da mulher tradicional, abdicando ou camuflando a própria feminilidade sob aparências masculinas que formam a imagem da virilidade. (Baubérot, 2013).

Dessa forma, tal mudança no estereótipo da virilidade permitiu o desenvolvimento de um potencial de contestação da ordem burguesa e liberal, explicando também a maneira pela qual, no contexto político, a extrema-direita revolucionária aproveitou para edificar o mito de “homem novo” e opô-lo ao que foi se configurando o antigo modelo enquanto uma república de velhos, decantes e esgotados (Baubérot, 2013).

As escolas, apesar de estarem mais preocupadas com um conjunto de conhecimentos positivos do que com moldar a virilidade dos meninos, não deixa de exercer a missão de formar um tipo específico de homem. Os estudos visam sobretudo, para os meninos, uma transmissão do domínio da eloquência máscula, instrumento de dominação social validada tanto na esfera política quanto na esfera dos negócios, construída a partir de ensinamentos dos autores antigos capazes de conferir argumentos de autoridade (Baubérot, 2013). Para além das qualidades intelectuais, a escola também assume papel fundamental na construção do vigor físico da nação ao inserir os esportes e a ginástica nas escolas, muito baseada nos ideais perpetrados nos períodos de guerra, que buscavam, antes de tudo, desenvolver potenciais soldados (Baubérot, 2013).

Os colégios internos, ainda presentes na sociedade, são também ambientes que, de maneira silenciosa, perpetuam a violência tanto dos adultos sobre as crianças, diluídas em hábitos de rigor e severidade, comparados aos do convento e do quartel, quanto dos meninos mais velhos que reproduzem tais violências como meio de escaparem do bullying e ascender ao status de dominância (Baubérot, 2013).

Nos países com recrutamento militar universal, é o quartel que, no âmbito institucional, completará a formação viril dos homens. Nessa fase da vida, os jovens são separados do universo cotidiano, alojados às margens das cidades por um determinado tempo e agregados à comunidade viril para só depois retornarem à vida social normal. O recrutamento é, em si, um rito de passagem no qual, através de um exame médico, serão analisadas as capacidades viris do futuro recruta (Baubérot, 2013). Posteriormente a isso, o treinamento visará a obtenção da força física, o domínio das armas, desenvolvimento de coragem e disciplina. Tais experiências possibilitam também a formação de redes de solidariedade e sentimento de pertença, as quais ligam cada recruta à sua “classe” para o resto da vida (Baubérot, 2013).

No trilho da ascensão do jovem rapaz ao status de homem viril, temos o trabalho como o último marcador comum, já que se apresenta enquanto campo de confluência tanto para as camadas mais abastadas quanto para as mais populares da sociedade. (Bauberót, 2013).

Para aqueles que as ambições escolares e intelectuais não são apresentadas como uma realidade possível, o saber nem sempre é considerado como fonte de virilidade, estando, assim, o status de homem intimamente ligado à capacidade de emprego da força no quadro de uma atividade produtiva, como é o caso do mundo operário (Bauberót, 2013).

Nesses casos, a saída da escola para o trabalho se inicia, muitas vezes, como um aprendizado, o qual podemos exemplificar com as famílias de agricultores, comerciantes e artesãos. Nessa lógica, os filhos prestam assistência ao pai, preparando-o para a tarefa que, no futuro, ele deverá assumir enquanto sucessor. Nesse processo de ensino-aprendizagem, são comuns comportamentos de injúrias e brutalidade, pois, de maneira consciente ou não, os homens entendem que, desse modo, estão forjando nos garotos a resistência física e a dureza moral vistas como qualidades de suporte e mantenedoras de uma vida inteira de trabalho exaustivo (Bauberót, 2013).

Sendo assim, podemos somar à afirmativa de Claudine Haroche (2013), de que a virilidade é o elemento central da memória da dominação masculina, o fato de que ela é mantida e, ao mesmo tempo, se confunde com a história das instituições, seja a família, a escola, o quartel ou o trabalho, entendendo todas elas enquanto estruturas sociais que vigoram num determinado Estado.

Entretanto, ainda que a dominação masculina tente se alastrar de maneira insidiosa não podemos deixar de apontar os movimentos contrários engendrados pela parcela da sociedade que luta pela equidade dos direitos universais e que, de maneira contundente, dedica-se a provocar fissuras no modelo tradicional criado pelo ideal viril.

Para ilustrarmos os movimentos e ações que questionaram a dominação masculina, trataremos nesse momento um breve apanhado de como as mulheres foram tratadas e descritas nas leis brasileiras ao longo da história da história.

Primeiramente, é necessário dizer que, na Constituição de 1824, apenas o homem gozava do status de “cidadão”, a mulher não tinha o direito ao voto e nem de ser eleita. Para além disso, apesar de poder trabalhar em empresas privadas, as mulheres não tinham o direito de ocuparem cargos públicos. É na Constituição de 1934 que, pela primeira vez, há uma primeira disposição sobre o princípio da igualdade entre os sexos, na qual podemos observar direitos claros quanto à proibição do trabalho de mulheres em empresas insalubres e de distinções salariais para um mesmo trabalho. Nesse momento, também surgem garantias de

assistência médica e sanitária para gestantes antes e depois do parto com a Previdência Social (Secretaria da Educação do Paraná, n.d.).

Na Constituição de 1937, o direito ao voto para as mulheres é acrescentado. Porém a elaboração do conjunto de normas do ano 1946 conta com um retrocesso para as mulheres quando a expressão “sem distinção de sexo” é retirada, dando lugar à afirmativa de que todos são iguais perante a Lei. Os avanços retornam com a constituição de 1967 quando, novamente com a Previdência Social, há, para as mulheres, uma redução do prazo da aposentaria de 35 para 30 anos de contribuição (Secretaria da Educação do Paraná, n.d.).

Sem esgotar as conquistas e as lutas que continuam sendo travadas, salientamos, então, a Constituição de 1988 como uma marco na consolidação da garantia não apenas dos direitos das mulheres, mas de todos direitos humanos, na qual podemos constatar: o princípio da isonomia, na qual os homens e as mulheres são iguais em direitos e obrigações seja na vida civil, no trabalho e na família; o princípio da legalidade, o qual garante ninguém ser levado a fazer o que não quer, a não ser que seja obrigado por lei; a garantia dos direitos fundamentais como educação, saúde, trabalho, lazer, segurança e previdência social; direitos trabalhistas específicos para a realidade das mulheres, tais como a licença à gestante, sem prejuízo do emprego e do salário, com duração de 120 dias, proteção do mercado de trabalho da mulher mediante incentivos específicos, assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até 6 anos de idade em creches e pré-escolas e, no caso das trabalhadoras domésticas, a garantia do salário mínimo, 13º salário, folga semanal, férias anuais remuneradas, licença maternidade, aposentadoria e integração à Previdência Social; o direito político de votar e ser votada; no âmbito família, os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal passam a ser exercidos igualmente pelo homem e pela mulher, a união estável entre homem e a mulher é reconhecida como entidade familiar, a família pode ser também formada por qualquer um dos pais e seus filhos, o prazo do divórcio diminuiu de um ano, em caso de separação judicial, e dois anos, em caso de separação de fato, e há também uma maior responsabilidade do Estado na criação de mecanismos de coibição da violência familiar e doméstica; garantias quanto à propriedade: a mulher passa a ter direito ao título de domínio e à concessão de uso da terra, independentemente de seu estado civil, tanto na área urbana como rural (Secretaria da Educação do Paraná, n.d.).

Sendo assim, a história da mulher nas leis, para além de materializar as reivindicações sociais, políticas e econômicas, é também um indicador das mudanças nos hábitos e nos ideais valorizados em cada sociedade.

Logo, acatamos as elaborações de Arnaud Bauberót (2013), ao apresentar como um dos principais marcos do abalo ao modelo tradicional viril, as críticas realizadas pelas feministas nos anos de 1970, as quais dedicaram-se fundamentalmente em dissociar a masculinidade dos estereótipos viris, mostrando que a virilidade não se configura enquanto atributo natural dos homens, mas sim enquanto fruto que visa, por meio dos processos educativos e sociais descritos anteriormente, perpetuar a dominação masculina.

Tais críticas se solidificaram não apenas como uma luta pela igualdade, mas também como uma forma de fornecer dispositivos de reflexão para homens desejosos em abandonar a paródia viril clássica e se libertarem das pressões impostas por esse mito terrorista (Bauberót, 2013). Desse modo, com início silencioso e posteriormente de maneira mais aberta, observamos, nas últimas décadas, uma crescente mudança, nas quais os pilares da educação viril ou deixaram de ser privilégio apenas dos rapazes ou testemunharam o declínio de sua vida social, como nos mostra a própria evolução histórica da mulher na legislação civil brasileira.

Estando as fissuras do modelo tradicional viril demarcadas também nas linhas do direito constitucional, podemos agora discorrer sobre os atravessamentos e as repercussões desencadeadas no que se refere aos papéis de gênero na cultura após os anos de 1970.

De maneira geral, observamos que as mutações mais profundas ocorreram na família, principalmente a partir da substituição da autoridade paterna pelo princípio da isonomia entre homens e mulheres. A partir dessa mudança também nos termos jurídicos, a vida em família passa a ser regulamentada com uma base jurídica que não reconhece mais a dominação masculina (Bauberót, 2013).

A maior autonomia das mulheres e as alterações no âmbito da jurisdição, possibilitaram a elas a saída de relacionamentos abusivos resultando em um aumento do número de divórcios e conseqüentemente em recomposições familiares (Bauberót, 2013).

Sendo assim, uma importante mudança nos papéis de gênero está no fato de que a interiorização da masculinidade não é mais necessariamente guiada pela figura tutelar de um pai, já que famílias monoparentais e aquelas resultantes de uma recomposição familiar, com a presença de um padrasto ou madrasta tornaram-se frequentes (Bauberót, 2013).

Arnaud Bauberót (2013) aponta o surgimento da figura de um “novo pai”, já que, com a entrada da mulher no mercado profissional, os homens foram convocados a uma maior participação tanto nas atividades domésticas quanto na criação dos filhos. Nesse sentido, o pai passa então a ser relacionado a uma figura mais afetiva, a qual a criança orgulha-se em poder amar.

Entretanto, apesar das mudanças de caráter progressista, 85% dos pais divorciados exercem apenas o direito às visitas, reforçando a figura paterna como ausente e distante (Bauberót, 2013).

Os brinquedos, por sua vez, também continuam na antiga lógica, reforçando a maternidade e as atividades domésticas, como atributos femininos, enquanto a potência física, domínio tecnológico e guerra fica dedicado aos meninos (Bauberót, 2013).

Portanto, no que tange atualmente à família observamos que a “[...] dinâmica de socialização conduz os meninos a interiorizar a norma de igualdade entre os sexos e faz com que aprendam a não reivindicar nem reinvestir muito abertamente nos valores e nas atitudes viris em seus comportamentos” (Bauberót, 2013, p. 212).

Sobre esse aspecto, destaca-se que no Brasil, a partir da década de 1980 foi possível observar algumas mudanças nas tramas e discursos sobre a masculinidade. Com o avanço das críticas feitas pelo movimento feminista, a virilidade passou a ser definida não mais a partir da força física mas sim através do sucesso econômico/profissional e da capacidade do homem de “satisfazer” sexualmente sua parceira, priorizando mais a qualidade das relações do que a frequência (Voks, 2021).

No âmbito escolar, a valorização do cidadão-soldado perde seu prestígio e a ginástica passa a ter a como finalidade a saúde das crianças e adolescentes, o prolongamento da escolaridade afasta a grande massa dos adolescentes das atividades profissionais e os empregos pouco qualificados e que envolvem qualidades viris são geralmente desconsiderados e vistos como sinônimo de rebaixamento nas sociedades pós-industriais (Bauberót, 2013).

Entretanto, as formas insidiosas da virilidade são mantidas, na medida em que, mesmo as meninas possuindo taxas de rendimento superiores, os meninos ainda são mais acolhidos em redes científicas mais prestigiosas, mesmo a instituição escolar não postulando nenhuma diferença entre os sexos (Bauberót, 2013).

No que se refere às instituições militares, observamos seu declínio e também um desejo dos jovens em adiar a vida adulta. Tais aspectos denotam uma valorização da juventude e do lazer, a fragilização de alguns status profissionais, a vulnerabilidade da unidade familiar (pai, mãe e filhos) e o conseqüente enfraquecimento da figura paterna, revelando, com isso, uma desvalorização do status do homem maduro e pai de família (Bauberót, 2013). Dessa forma, a virilidade deixa, portanto, seu caráter de demarcador etário e passa, então, a ser considerada como hábito (Bauberót, 2013).

Apesar de observarmos essas mudanças em uma grande parte da sociedade, cabe, nesse momento, salientar algumas particularidades também presentes na atualidade, principalmente

quando inseridas na discussão a questão de classes, já que, para uma grande parte da juventude popular, desprovida de recursos econômicos e cuja formação escolar é frequentemente negligenciada, o semblante viril continua como único patrimônio que ela mantém acesso. Nas palavras de Arnaud Bauberót (2013, p. 217):

Uma verdadeira imposição da virilidade se exerce sobre os meninos, do qual poucos são capazes de se distanciar, a fim de provar a legitimidade de seu pertencimento ao grupo macho dominante cuja função integradora vem apenas atenuar o deficit do reconhecimento social.

Nas classes médias, observa-se um prolongamento da adolescência na qual é bastante comum a formação de grupos que desempenham papel importante na transição do universo familiar da infância para a autonomia adulta (Bauberót, 2013).

Diante da desorientação, característica da adolescência e da pluralidade de referências das novas configurações familiares, nota-se uma necessidade de identificação que frequentemente orienta os adolescentes em direção a figuras, reais ou imaginárias, nas quais o gênero aparece de forma bastante estereotipada (Bauberót, 2013).

Tais figuras refletem uma demarcação nítida entre os sexos e fornecem aos jovens códigos específicos que acabam servindo de anteparo para a afirmação de uma identidade masculina ou feminina, ainda que recente e incerta, observados atualmente nos ícones da cultura de massa, tais como: heróis de cinema, cantores de pop ou rap, personagens de jogos de vídeo ou ídolos esportivos (Bauberót, 2013). Para além da sociabilidade lúdica e festiva mais comum na atualidade, é necessário ressaltar que comportamentos excessivos da antiga virilidade, tais como o consumo de álcool e de pornografia, ainda são mantidos (Bauberót, 2013).

Nesse sentido, cabe trazer para a discussão a existência de uma nova cultura da virilidade juvenil. A primeira característica está relacionada à mudança ambiental na qual as primeiras socializações ocorrem, uma vez que há uma falta de controle dos adultos, que geralmente precisam se ausentar para trabalhar (Bauberót, 2013).

Nesse novo processo, observa-se que os adolescentes forjam uma cultura da virilidade juvenil que reinterpreta os estereótipos viris tradicionais. Os aparatos tecnológicos como a televisão, o computador e atualmente os smartphones possibilitaram, por sua vez, um acesso inimaginável a informações, novos modelos de formação de grupos e uma pluralidade de referências sociais, políticas e estéticas.

Tal conjuntura contribuiu para que o modelo tradicional de identificação masculina viril fosse substituído por um imaginário amplamente desconectado das responsabilidades comuns do homem adulto. Logo, a figura do homem maduro, trabalhador e pai de família deu seu lugar

para o imaginário viril construído a partir de identificações com figuras “heroicas”, repletas de força, bravura e aventureiras (Bauberót, 2013).

Os jovens passam então a adotar uma cultura que lhes é própria e que alimenta suas relações conflituosas com o mundo adulto, já que assumir esse papel exigiria também uma grande renúncia dos aspectos aventureiros e por vezes perigosos que os super-heróis vivenciam (Bauberót, 2013).

Nesse sentido, podemos, agora, ressaltar que a paternidade, antes bastante importante e definidora do status viril (pai de família), deixou de ser um indicador e retirou a procriação do horizonte comum dos homens. Se a figura viril antes era o pai de família, hoje ela está muito mais vinculada ao herói forte, corajoso e aventureiro.

Arnaud Bauberót (2013) aponta que atualmente os jovens buscam na virilidade selvagem compensar o emprego dos processos educativos e sociais bem como o peso das normas de uma sociedade policiada e rotineira.

Sendo assim, podemos perceber que a virilidade é construída a partir de variados espaços e discursos, os quais não são homogêneos e nem únicos. Percebemos também que ao longo da história o conceito de virilidade passou por diversas mutações, no entanto constatamos que a dominação masculina não foi necessariamente alterada (Voks, 2021).

Desse modo, a partir de tudo que nessa sessão foi exposto, podemos afirmar junto a Douglas Josiel Voks (2021) que por trás de um discurso do novo, escondem-se antigos padrões normativos de como os homens devem ser e agir frente as mudanças sociais e culturais a fim de manter os privilégios masculinos.

2.2 O lugar do pai na estruturação subjetiva

A partir desse breve apanhado antropológico e sociológico da virilidade no século XXI, e conseqüentemente da figura do pai, de sua importância e de suas modificações, podemos agora discutir alguns aspectos subjetivos relativos ao contexto histórico em questão.

Para tanto, lançaremos mão da psicanálise, uma vez que se trata de uma teoria que, tendo a sua prática sido reinventada à medida que o tempo, a sociedade e a política avançam, nos permite analisar as subjetividades de uma época.

A psicanálise é criada por Sigmund Freud, por volta do final do século XIX, a partir do atendimento das histéricas. Cabe ressaltar que, no período histórico em questão, a maioria das famílias mantinham uma formação burguesa nuclear, sendo compostas pelo pai, mãe e filhos, além de serem marcadas por um funcionamento bastante patriarcal.

Sendo assim, torna-se necessário falarmos sobre alguns dos alicerces sobre os quais a psicanálise foi construída. Em primeiro momento, destacamos que Freud (1913) elegeu o mito da lei do pai como fonte do recalque, sendo bastante elaborado, em suas produções, sobre o pai da horda primitiva, em “Totem e tabu” (1913), e em suas elaborações sobre o Complexo de Édipo que perpassaram grande parte de sua obra.

Freud (1900) descreve as primeiras relações da criança com seus pais a partir do personagem Édipo Rei da mitologia Grega, que tem sua história marcada pela revelação de um oráculo para seu pai, o qual previu que Édipo estava destinado a casar-se com sua mãe e a matar o seu pai.

Diante das previsões do oráculo, Laio, rei de Tebas e marido de Jocasta, pediu para um de seus servos abandonar o seu filho no Monte Citerão com os pés amarrados em uma árvore. Entretanto, Édipo é salvo por um pastor e adotado pelo rei de Corinto, Pólipo, que o considerou seu próprio filho.

O que se segue disso termina por concretizar a previsão do oráculo, uma vez que, em sua vida adulta, Édipo decide abandonar Corinto e ir a Tebas consultar o oráculo que revela sua maldição: matar seu pai e casar com sua mãe. Aflito com a revelação, o personagem segue em direção à cidade e, no meio de seu percurso, acaba matando Laio por uma discussão que tiveram em uma encruzilhada. Ademais, encontra a Esfinge na porta da cidade de Tebas, figura essa que aterrorizava grande parte do povo tebano com seus enigmas, já que aqueles que não conseguiam decifrá-los eram devorados por ela. Entretanto, Édipo acerta a pergunta feita por Esfinge, que se mata, conferindo a Édipo o título de herói e Rei de Tebas.

Tal desfecho une Édipo e Jocasta e concretiza, assim, a outra parte da revelação do oráculo, resultando, então, na tragédia Grega, já que, após saber a verdade, sua mãe-mulher se enforca, e Édipo, envergonhado de seus atos, perfura os próprios olhos.

De antemão, podemos notar que o recurso mitológico usado por Freud já denota a importância que o psicanalista vai conferir à figura paterna no decorrer de sua teorização da constituição do aparelho psíquico dos sujeitos, já que toda a estruturação psíquica é baseada na lei da proibição ao incesto e articulada àquilo que ele veio a desenvolver sobre o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração.

Nesse sentido, cabe destacar que entendemos por Complexo de Édipo:

[...] a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Essa representação pode inverter-se e exprimir o amor pelo genitor do mesmo sexo e ódio pelo sexo oposto. Chama-se Édipo à primeira representação, Édipo invertido à

segunda, e Édipo completo à mescla das duas [...] Seu declínio marca a entrada num período chamado latência, e sua resolução após a puberdade concretiza-se num novo tipo de escolha de objeto (Roudinesco & Plon, 1998, p. 166).

Esses autores ainda ressaltam que o Complexo de Édipo é, ao mesmo tempo, um correlato da existência das gerações, da diferença sexual e do Complexo de castração, o qual pode ser definido como “o sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 105).

Freud (1933, p. 280) observa que o menino, ao se deparar com a vista do genital feminino, percebe que seu membro não é necessariamente parte do corpo. Tal percepção liga-se às recordações das ameaças que ouviu durante a atividade masturbatória às fantasias incestuosas, ele as confere crédito e fica sob influência do medo da castração.

Sendo assim, o que podemos extrair de tais correlações é a já mencionada centralidade da interdição do incesto, na maioria das vezes, encarnada na figura do pai vitoriano e muito bem descrita por Freud (1913) nas suas elaborações sobre a triangulação edípica.

Lacan (1958) traz também uma grande contribuição para a discussão sobre a importância da figura paterna, principalmente no que diz respeito à função que ela opera. O psicanalista em questão dedicou-se por diversas vezes a uma releitura das elaborações freudianas, inclusive sobre o Complexo de Édipo, a qual o levou a propor seus três tempos lógicos.

No primeiro tempo lógico do Édipo, Lacan (1958) elucida que a criança é identificada ao objeto de desejo da mãe. Tal construção lógica é desenvolvida pelo autor a partir da equivalência simbólica proposta por Freud (1933) entre bebê=falo, permitindo, com isso, colocar a criança numa posição de identificação ao falo materno (Quinet, 2011).

Partindo disso, destacamos, nesse tempo, a existência de três elementos: a criança, a mãe e o falo. Sendo a criança e o falo equivalentes nesse primeiro momento, já a mãe está inserida nessa lógica enquanto ser falante e por isso submetida a lei simbólica, a qual a criança também recebe por incidência materna (Quinet, 2011).

Todavia, é necessário dizer que, nesse período, a lei da mãe é onipotente, o que significa que ela pode ou não satisfazer as necessidades da criança, estando essa assujeitada aos caprichos maternos. Nesse sentido, a mãe é para a criança um Outro absoluto, sem lei (Quinet, 2011).

O segundo tempo lógico do Édipo marca a inauguração da simbolização. Tal momento é ilustrado por Freud (1920) em “Além do princípio do prazer” através da cena do carretel, na qual a criança repete ludicamente o desaparecimento e o aparecimento da mãe através de movimentos de afastamento e retorno de um carretel que a representa, enquanto enuncia

também os vocábulos *fort* (longe) e *da* (aqui). Sendo assim, na medida em que a mãe pode ser então simbolizada por uma palavra, ela passa do estatuto de objeto primordial para o de signo e a criança ascende ao simbólico, tendo como marca desse momento a mediação simbólica pela linguagem entre a criança e a mãe (Quinet, 2011).

No entanto, a ascensão ao registro simbólico não se reproduz sozinha, é necessário que uma proibição seja imposta na relação da mãe e da criança, a qual ocorre a partir da intervenção de um terceiro que interdita a reintegração desta pela mãe. Logo, o terceiro irá intervir, dizendo um não para a mãe que tenta fazer valer a equivalência entre falo e bebê e um sim para a nomeação da criança e o seu desejo (Quinet, 2011).

Lacan (1958) esclarece esse processo a partir de suas elaborações sobre a metáfora paterna e o Nome-do-pai, uma vez que, segundo Quinet (2011), é a partir da interdição que a criança dará conta de que existe algo que sua mãe busca/deseja quando ela se ausenta. Nesse sentido, podemos afirmar que a metáfora paterna se refere a destruição, ou pelo menos recalçamento, da identificação da criança com o falo da mãe e a posterior significação do falo enquanto aquilo que a mãe deseja para além da criança.

Nas palavras de Antônio Quinet (2011, p. 11):

É aí que aparece a instância paterna como metáfora do Pai, isto é, aquilo que no discurso da mãe representa o pai: o Nome-do-pai, que corresponde ao que no discurso da mãe é evocado, significando para criança que o Desejo da Mãe se encontra em outro lugar e que ela por sua vez também é submetida a uma lei.

Sendo assim, é o Nome-do-pai que vem barrar esse Outro onipotente, tirando o sujeito da lógica dos caprichos e permitindo a ele entrar na ordem simbólica. Tal momento é então caracterizado pela castração simbólica, no qual o falo passa de objeto imaginário do desejo da mãe para o nível significante, inscrevendo assim a castração no Outro (Quinet, 2011).

Logo, se antes a mãe ocupava esse lugar de um Outro absoluto e onipotente, agora com a intervenção do Nome-do-pai, ela é também faltosa e barrada, permitindo assim a instauração da lei no lugar do Outro (Quinet, 2011).

O terceiro tempo, por sua vez, é o declínio do complexo de Édipo, no qual o menino passará da posição de ser o falo da mãe para a posição de ter o falo, sendo possível dar significação ao seu pênis. O pai, enquanto marido da mãe, irá surgir como um suporte identificatório do ideal do eu, tendo como matriz simbólica o significante Nome-do-pai. (Quinet, 2011).

Para além disso, o Nome-do-pai é o significante que permite a significação da virilidade ao homem bem como também é o significante que dá o qualitativo de pai, “[...] pois nada

garante a paternidade de alguém (*mater certus, pater incertus*, dizia Freud) – a paternidade só é articulada a partir do registro simbólico” (Quinet, 2011, p. 13).

2.3 Declinações do pai

Partindo das elaborações anteriores, é inegável que acompanhamos, no último século, mudanças drásticas no que se refere tanto às questões de gênero quanto aos aspectos que deles são socialmente valorizados. Podemos perceber hoje os passos que foram dados rumo ao horizonte da igualdade entre homens e mulheres, também presenciamos uma maior legitimidade e variedade de modelos de família (homoafetivas, monoparentais e/ou formadas a partir de recasamentos) e com isso uma maior diversidade tanto nos modos de ser homem e mulher quanto de ser pai e mãe.

No que tange à paternidade, observamos seu prestígio enquanto atributo viril degradingar-se diante da já citada “nova cultura da virilidade juvenil” de Arnaud Baubérot (2013), a qual é representada pelos novos adolescentes que não mais almejam ser “pais de famílias” e buscam nas mais diversas referências (super-heróis, ícones da cultura pop, ídolos esportistas, influenciadores digitais) um ponto de ancoragem ante a maior ausência e menor controle dos pais, visto que a mãe de outrora, dedicada exclusivamente ao lar, inseriu-se no mercado de trabalho e na vida pública, enquanto a figura do pai perdeu seu aspecto autoritário.

Seguindo essa lógica, diante da multiplicidade de referências e do enfraquecimento dos códigos de interpretação ofertados pela tradição, pela autoridade e religião, Lustoza et al. (2014, p. 202) afirmam: “O homem se vê então sem uma grade de leitura que lhe permita decifrar os acontecimentos de seu mundo”.

Para além disso, os autores salientam que se, na época de Freud, a moral repressiva da sociedade empreendia a interdição do gozo, observamos atualmente a retirada ou, pelo menos, a extenuação da barreira ao gozo, aparentemente levando os sujeitos a uma conclusão de que tudo é permitido.

Tais aspectos da vida contemporânea engendraram uma série de questões levantadas tanto dentro do meio psicanalítico quanto àquelas dirigidas a ela pelas outras áreas do conhecimento. De modo sucinto, se, por um lado, a psicanálise aponta para as consequências drásticas de uma suposta decadência dos códigos de interpretação e conduta da época de Freud, por outro lado, ela também precisa lidar com uma confusão entre o que podemos chamar de “declínio do Nome-do-pai” ou “declínio da função paterna” (Lustoza et al., 2014).

Para além disso, J3sus Santiago (2018) tamb3m nos aponta outras cr3ticas que a psican3lise recebeu, principalmente sobre a concep3o de pai decorrente da concep3o lacaniana do *Nome-do-pai*, enquanto fator de estrutura3o do inconsciente, a qual poderia ser questionada diante do aparecimento de estilos de vida que contestam a fam3lia tradicional patriarcal.

Quanto 3 imprecis3o relativa ao decl3nio do *Nome-do-pai* ou da fun3o paterna, Lustoza et al. (2014) apresentam esclarecimentos necess3rios. Para os autores 3 indiscut3vel que o decl3nio da fun3o paterna suscitou diversas mudan3as tanto na sociedade quanto nos processos de subjetiva3o, entretanto no que tange especificamente este termo eles argumentam:

Afirmar seu decl3nio 3 leg3timo, se com isso nos limitamos a constatar a dissolu3o dos grandes c3digos de conduta que governavam a sociedade. *Faz-se, por3m, uma extrapola3o abusiva quando se pretende tratar o dito decl3nio como uma derrocada do Nome-do-pai (como operador ps3quico)*. Como nem sempre nos textos de psicanalistas essa discrimina3o 3 feita, muitos acabam assimilando de modo equ3voco a decad3ncia da lei simb3lica a um apagamento do Nome-do-pai (Lustoza et al., 2014, p. 202).

Sendo assim, retomemos agora os alicerces da teoria tanto do Complexo de 3dipo quanto do Nome-do-pai. Cherer (2018) realiza uma extensiva pesquisa para discutir a no3o de pai em psican3lise, percorrendo as tr3s principais vers3es freudianas do pai, sendo elas a do 3dipo, de Urvater (pai primordial/pai da horda primitiva) e Moises.

A primeira diz respeito ao pai enquanto interditor do objeto de desejo, ao mesmo tempo que tamb3m 3 o ideal j3 que det3m a m3e ao possuir o falo; a segunda 3 apresentada pelo mito do parric3dio inaugural, no qual Urvater, que gozava de todas as mulheres, foi assassinado pelos filhos, e, mesmo morto, tornou-se mais forte que se estivesse vivo; por fim, a terceira vers3o, de maneira an3loga 3 anterior, trata do assassinato de Moises pelos judeus, ao conduzi-los 3 terra prometida. Logo, o que se depreende das vers3es freudianas do pai 3 a presen3a do parric3dio, portanto o pai, o *Um* da exce3o, 3 tamb3m o pai morto, cujo lugar ningu3m est3 efetivamente 3 altura, o ideal inalcan3vel (Cherer, 2018).

Cherer (2018) tamb3m destaca as elabora3es lacanianas de retorno e, simultaneamente, releitura da teoria freudiana do Complexo de 3dipo ao propor os seus tr3s tempos e ao cunhar o conceito de Nome-do-pai enquanto suporte da fun3o simb3lica. Tal empreendimento te3rico permite o distanciamento da quest3o do pai da acusa3o de familialismo, ressaltando justamente sua concep3o a partir de uma fun3o l3gica.

Jésus Santiago (2018, p. 6) também sublinha que a questão paterna se institui de maneira radical, para a clínica psicanalítica, a partir de uma determinada função universal dada pelo Nome-do-pai, apontando que “[...] a face singular do exercício da paternidade define-se pelo fato de que o pai é sempre o ‘vetor de uma encarnação da lei no desejo’, na medida em que é capaz de deixar vazio o lugar que ocupa no seio da família”.

Quanto à célebre expressão “encarnação da lei no desejo”, o autor ressalta que ela se trata justamente de uma encarnação daquilo que não pode ser, de maneira alguma, um ideal. Tal afirmação permitiu a Jésus Santiago (2018) apresentar a questão do pai não apenas a partir da lógica da lei, ou seja, da interdição da criança e da mãe, mas também através de uma lógica de humanização do desejo. Nas palavras do autor (p. 7):

Afirmar que a encarnação da lei se efetua no plano do desejo — e não no plano do ideal — é dizer que o pai pode humanizar o desejo pela via de um tratamento efetivo da satisfação pulsional que lhe concerne. É essa satisfação pulsional que assume, no ensino de Lacan, o nome de “modo de gozo”. Assim, a lei paterna não se alimenta das mais diversas virtudes morais, mas da questão de um pai, diante de seus filhos, saber, ou não, ser responsável pelo seu “modo de gozo”.

Quanto ao complexo conceito de gozo, em psicanálise, nos interessa, nesse momento, seu aspecto ligado à compulsão à repetição, a qual coloca cada sujeito em uma busca incessante pelo objeto perdido. Tal aspecto pode ser ilustrado com a cena da criança que, mesmo com a ausência do seio materno, faz o movimento de chuchar, demonstrando, com isso, uma procura pela satisfação descrita por Freud (1905) do que seria a experiência da primeira mamada.

Dito isso, podemos agora compreender a contribuição de Jésus Santiago (2018). O autor aponta a existência de algo no pai que extrapola a função pacificadora do pai morto, ou melhor, da sua função enquanto interditor da criança e da mãe, visto que há uma indestrutibilidade do gozo.

Nesse sentido, o autor salienta que a possibilidade de tratamento do gozo exige não tanto matar o pai, mas sim reconhecê-lo enquanto semblante, apontando, com isso, as elaborações lacanianas sobre a pai-versão. Nas palavras de Jésus Santiago (2018, p. 9):

A pai-versão é a apreensão do pai no ponto preciso do seu laço com uma mulher particular, e não com um universal, tampouco da mãe enquanto sempre proibida e, nesse sentido, sempre universal – é o laço com algo particular do feminino que presentifica, para um pai, a causa de desejo.

Posto isso, retiramos dessas elaborações um ponto extremamente importante tanto para a compreensão de problemáticas clínicas quanto sociais. Se a figura paterna é apresentada de

maneira tão importante na psicanálise, isso pouco tem a ver com os processos de dominação masculina, mas sim com uma função lógica. (Santiago, 2018).

Lacan (1958, p. 209) elucida a função paterna a partir de duas frases emblemáticas “*Não te deitarás com tua mãe*” dirigida à criança e “*Não reintegrarás teu produto*” endereçada à mãe. Seguindo essa lógica, destacamos a função paterna porque é ela quem possibilita um processo de simbolização, ou seja, ela permite a criança perceber que ela não é o falo da mãe e que existe um significante outro que ocupa esse lugar.

Sendo assim, destacamos como ponto primordial a função paterna enquanto função simbólica e não enquanto genitor, pensando justamente que a interdição da criança e da mãe podem ser efetuadas por agentes outros, tais como: avó, avô, irmão, irmã ou até mesmo o trabalho que faz com que a mãe se torne inacessível.

Agora que discutimos a virilidade enquanto modelo de perfeição masculina, sua centralidade nos processos de perpetuação da dominação masculina e na impossibilidade dos homens alcançarem tais ideais (como bem nos mostra o mito freudiano do parricídio), podemos discutir os aspectos particulares que impulsionam essa pesquisa.

É nítido as associações e naturalizações que a cultura fez e faz sobre o que é *o ser homem* e *o ser mulher*. Se nos dedicamos, nesse momento, a atenção grandemente para o ser homem, é justamente pelo fato dele comportar aspectos de dominação que criam imperativos impossíveis e conseqüentemente engendram processos de violência contra as pessoas que se distanciam da norma.

Retomemos então as associações que naturalizaram o que, na cultura, a maioria das pessoas considera o que é ser um homem perfeito. Primeiramente, tem-se como base que o homem nasceu macho, ou seja, possuidor de um pênis. A esse fato, no processo de socialização, associam-se qualidades como a coragem, força física, vigor, racionalidade, o exercício da dominação no ato sexual, nas relações sociais e territoriais, além de não demonstrar sofrimento em suas manifestações sentimentais.

Além de tudo isso, no âmbito do “ideal”, outro aspecto importante quanto ao ser homem diz respeito a quem o seu desejo sexual e romântico é direcionado, uma vez que, socialmente, o homem deve relacionar-se com uma mulher.

Posto isso, percebemos o quanto a existência e o trabalho de Linn da Quebrada rompem com todos os padrões socialmente estabelecidos pela norma cis-heterossexual. Linn da Quebrada é uma travesti negra de origem periférica que ocupa um lugar importante justamente por produzir arte a partir de sua própria existência. É através disso que a artista resiste e ao

mesmo tempo reivindica o direito a uma vida digna em uma sociedade que ainda hoje não reconhece a legitimidade e inteligibilidade de corpos não cisgêneros e nem heterossexuais.

Diante disso, nos interessa nesse momento conhecer como os internautas brasileiros recebem e se relacionam com as produções artísticas de Linn da Quebrada, partindo do fato de que ela aponta a fragilidade dessas construções dos gêneros, tanto a partir de seu corpo quanto de seu trabalho.

3 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

3.1 Definição do Campo

É no âmbito do ideal e dos privilégios associados a ele que o primeiro capítulo se insere. Partimos do modelo de perfeição masculina, de sua construção e perpetuação para melhor compreender os mecanismos pelos quais o universo feminino ficou por muito tempo recluso e subjugado à dominação masculina.

Tal discussão se torna importante na medida em que percebemos, através dos movimentos de resistência a essa dominação, a fragilidade do modelo “ideal” de masculinidade bem como a urgência em discutir os processos de violência que são engendrados através da insistente tentativa de manutenção do ideal e dos privilégios que este garante.

É justamente nessa linha fronteira entre o ideal e suas dissidências que essa pesquisa se situa. Estabelecemos como norte do estudo a produção artística da Linn da Quebrada, para, com isso, conhecer um pouco mais sobre o espaço de disputa que se estabelece quando alguém confronta a dominação e denuncia as violências.

Tal escolha norteadora para a presente pesquisa é justificada a partir de duas contribuições importantes sobre o interesse científico pela estética. Primeiramente, no âmbito das ciências psicológicas, destacamos as contribuições de Freud (1913) ao apontar a função subjetiva da arte enquanto uma maneira pela qual o artista consegue se libertar e, através da comunicação de sua obra, oferecer ao receptor uma experiência parecida.

Paralelamente à função subjetiva da arte, destaca-se também a sua importância histórica e social, uma vez que seu processo produtivo relaciona-se e está inserido em um espaço-tempo no qual, a obra de arte como bem aponta Jauss (1994, p. 25):

[...] não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu Ser atemporal. Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual.

Desse modo, Miranda (2007, p. 30) aponta que a função eminentemente social da arte reside na sua capacidade de “pré-formar, interrogar ou aludir a novas normas de ação e a outros códigos de entendimento”, enquanto seu caráter histórico relaciona-se à pressuposição de que os receptores não recebem as obras em um vácuo temporal e não são ideologicamente esterilizadas, ressaltando a ideia de que a experiência estética exerce influência na práxis vital.

Sendo assim, a partir da dialética que se estabelece entre arte e práxis vital, tal escolha se mostra pertinente na medida em que podemos discutir os impactos que uma tem sobre a outra, levando em consideração os aspectos sociais que permeiam a experiência humana.

Na mesma lógica, torna-se necessário, nesse momento, esclarecermos alguns aspectos históricos e sociais que de uma maneira significativa impactaram diretamente a realização desse estudo. Primeiramente, ressaltamos a preponderância do ambiente virtual enquanto condição de possibilidade, uma vez que, o próprio corpus da pesquisa foi extraído da Internet. Para mais, as disciplinas curriculares do Programa de Pós-graduação também foram ministradas a partir das TIC's (Tecnologias da Informação e da Comunicação) devido à crise sanitária mundial imposta pela COVID-19.

Desse modo, cabe nesse momento uma breve explanação acerca das mudanças relacionadas à concepção de ciência que possibilitaram o surgimento, no final do século XX, de tal tecnologia, uma vez que a rede mundial de computadores provocou mudanças em uma escala planetária e alterou a maneira como nos relacionamos com os outros, com o nosso próprio ser e com a natureza (Tapias, 2003).

Primeiramente, no âmbito filosófico, destacamos o Cogito de Descartes “Penso, logo existo” enquanto pensamento fundante da ciência moderna, o qual possibilitou a existência do sujeito como objeto do pensamento, operando com isso uma separação entre aquilo que muitos chamam de “corpo” e “alma” (Erlich & Alberti, 2008).

Para além disso, a ciência positivista (resultante do Cogito de Descartes) também se apresenta enquanto marco importante das transformações ocorridas no mundo, na medida em que, ao longo dos anos, construiu a noção de que conhecer é “processar informação”. Tal empirismo reducionista sustenta a atual forma tecnocrática de pensar, promover a tecnologia da informação e a comunicação (Tapias, 2003).

Diante disso, se antes existiam apenas a natureza (primeiro ambiente) e as cidades e Estados construídos pela humanidade (segundo ambiente), precisamos agora lidar com a existência de um terceiro ambiente que sobrepõe e transforma os outros dois, o ciberespaço (Tapias, 2003).

Nesse sentido, os avanços das tecnologias de comunicação e a possibilidade de conectar-se à Internet a partir dos mais variados dispositivos móveis, proporcionou a criação desse terceiro ambiente que permite não só o compartilhamento de informações, mas também a conexão de pessoas das mais variadas localidades do globo terrestre, por meio das diversas comunidades virtuais, numa velocidade quase que instantânea.

Outro aspecto relevante, tanto devido ao contexto social da presente pesquisa realizada durante a pandemia do SARS-CoV-2, quanto pela natureza do material analisado, é a vantagem das relações interpessoais serem mediadas pela Internet. Primeiramente porque tal mediação nos livra da exposição em espaços públicos e segundo porque, no caso dos comentários dos internautas, “resguarda”, em alguma medida, a privacidade desses usuários.

Posto isso, podemos pensar que a rede mundial de computadores, assim como a concepção de ciência que a possibilitou, resultaram em uma cisão do sujeito, permitindo a ele uma satisfação na qual é possível prescindir do outro quase que completamente, na medida em que o acesso pode ser feito sem sair de casa.

Por conseguinte, se por um lado a Internet altera nossas relações intersubjetivas tornando-as parciais, por outra lado ela também possibilita que a circulação de informações e de referências (culturais, econômicas e sociais) se materialize quase instantaneamente e a nível global. Tal fato é também o que possibilitou a realização desse estudo, como será abordado a seguir.

3.2 As técnicas e o corpus de análise

Estando esboçado grande parte do contexto deste trabalho, podemos agora esclarecer as escolhas metodológicas para o desenvolvimento desse trabalho. Primeiramente, salientamos que o presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratório descritivo.

Nesse sentido, a fim de atingir os objetivos, adotamos como metodologia para a presente pesquisa a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011, p. 31) a qual pode ser entendida como um “[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações” e que pode ser dividida em três etapas: 1) pré-análise, que, de maneira geral, pode ser caracterizada pelo processo de escolha do material analisado e na formulação de hipóteses; 2) exploração do material levantado na etapa anterior; 3) tratamento dos resultados e interpretação.

Ademais, esclarecemos que, no que se refere às possibilidades de técnicas dispostas pela análise de conteúdo, escolhemos a análise categorial, por nos permitir uma melhor visualização dos temas recorrentes e das diferenças presentes nos comentários dos internautas. Desse modo, a categorização dessa pesquisa foi realizada a partir do critério semântico por permitir a elaboração de categorias temáticas. Já o processo utilizado foi o procedimento por “milha” (Bardin, 2011). Nesse procedimento, o sistema de categorias não é fornecido anteriormente, mas resulta da classificação analógica e progressiva dos dados. Sendo assim, ressalta-se que o título conceitual de cada categoria é definido apenas no final da operação (Bardin, 2011).

Sendo assim, primeiramente foi pesquisado o nome “Linn da Quebrada” no site de buscas www.google.com.br e selecionadas reportagens que apresentavam algum conteúdo sobre o trabalho da artista. Como a pesquisa se propõe a uma análise da recepção dos internautas, o segundo passo foi a separação do conteúdo publicado em sites ou plataformas que destinam um espaço para comentários.

À vista disso, torna-se relevante, nesse momento, contextualizarmos os materiais midiáticos utilizados na pesquisa. Começamos pela reportagem “*De testemunha de Jeová a voz do funk LGBT, MC Linn da Quebrada se diz ‘terrorista de gênero’*” (Pereira, 2016), publicada aos 12 dias de setembro do ano de 2016, no portal de notícias G1 da globo.com. O texto em questão aborda os aspectos tanto da vida pessoal quanto do trabalho de Linn da Quebrada, o qual é descrito a partir de sua inserção no movimento, em expansão já naquela época, de artistas que traziam para suas produções as questões de gênero e sexualidade, ressaltando o fato desses trabalhos promoverem o empoderamento das identidades trans, travestis e não-binárias diante das noções biologicistas e enrijecidas do gênero. Destaca-se, nesse momento, a vinculação da expressão “terrorista” à ideia da necessidade de “assustar e assustar-se” diante das violências que a população LGBT sofre, tanto as físicas quanto as discursivas. Nesse sentido, é necessário apontar que “terrorista de gênero” está vinculado justamente às propostas de abalo nas certezas de gênero que muitas vezes são impostas pelo ideal social.

A segunda reportagem selecionada tem como título: “*Cantora ícone da cultura trans de SP, Linn da Quebrada vira estrela de documentário na Berlinale*” (Fonseca, 2018), divulgada em 18 de fevereiro de 2018, no site omelete.com. Tal produção midiática expõe a repercussão do documentário “Bixa Travesty”, no 68º Festival de Berlim, evento no qual tal produção é consagrada com o prêmio *Teddy Award* de melhor documentário. Tal premiação é também conhecida como Urso de Ouro LGBT.

Na referida reportagem, também são expostas opiniões e críticas da diretora Claudia Priscilla e do diretor Kiko Goifman. Ambos ressaltaram o momento provocador e reflexivo do cinema brasileiro, bem como a potência de Linn da Quebrada tanto enquanto roteirista quanto “paradigma de corpo” capaz de apresentar as possibilidades de existência.

A terceira produção midiática apresenta seu texto com o seguinte título: “*Linn da Quebrada avisa: ‘Não dou espaço para que tenham outras leituras da minha música’*” (Sarmiento, 2019a) publicada em 06 de novembro de 2019, também no portal de notícias G1.

Nessa reportagem Linn da Quebrada é retratada de maneira bastante ampla, são contemplados, nesse momento, vários aspectos da vida pessoal, da carreira e também das violências que a artista enfrentou e enfrenta. No primeiro momento, a matéria fala sobre o fato

da linguagem das produções de Linn ser bastante direta e também a apresenta como uma referência para a população LGBT. São expostas partes do processo criativo e das propostas de trabalho de Linn, as quais são bastante vinculadas à ideia de construção de novos hábitos e imaginários sociais.

Posteriormente a isso, o que se segue é uma exposição e divulgação da agenda da artista nos meses seguintes, ressaltando seu trabalho de apresentadora do programa “TransMissão” no Canal Brasil, sua participação junto com Glória Groove no show de Karol Conka no Rock in Rio, seus próprios shows internacionais e sua estreia como atriz na série “Segunda Chamada” da emissora Globo de televisão.

Para além disso, tal matéria também faz questão de falar das aspirações profissionais da artista em produzir um novo disco e detalha um pouco de todos os trabalhos já realizados por Linn. Nessa trajetória, ganha destaque, na reportagem, o reconhecimento do seu trabalho tanto no âmbito familiar quanto social, o qual é ressaltado por meio de sua presença em uma das emissoras mais importantes do país e de sua premiação internacional.

A quarta reportagem selecionada foi publicada também no G1 com o título “*Linn da Quebrada comenta estreia na TV e ‘humanização da travesti e da população trans’*” (Sarmiento, 2019b), do dia 09 de outubro de 2019. Nessa produção midiática, o enfoque vai para os trabalhos de Linn enquanto atriz. São explorados aspectos da experiência da artista no cinema ao falarem de suas atuações em “Corpo Elétrico”, “Sequestro relâmpago”, “Vale Night” e “Bixa Travesty” e também sobre sua experiência na televisão, ressaltando seu trabalho na série “Segunda Chamada” e nas relações estabelecidas dentro do set de filmagens bem como seu trabalho enquanto apresentadora do programa “TransMissão” no Canal Brasil.

A reportagem conta ainda com uma importante discussão trazida por Linn da Quebrada acerca da importância das pessoas trans estarem presentes na televisão, proporcionando, com isso, uma humanização dessa parcela da população e uma criação de novos imaginários sociais possíveis de vida.

A quinta reportagem tem o título “*Tatá Werneck abre redes sociais para ‘ocupação’ de Linn da Quebrada: ‘Preciso aprender’*” e foi publicada no dia 05 de junho de 2020, também no portal de notícias G1. Nessa produção midiática, é divulgada uma ação realizada com o intuito de aprendizagem e conscientização pela atriz e apresentadora Tatá Werneck, a qual recebeu críticas de Linn da Quebrada devido a comentários transfóbicos, à inexistência de pessoas trans entrevistadas em seu programa e também à falta de ações de reparação dos erros cometidos.

Naquela ocasião, são divulgadas postagens no perfil pessoal da apresentadora reiterando a necessidade de ações efetivas de reparação e promoção de debates que conscientizem as pessoas acerca tanto da transfobia quanto do racismo e informando a ocupação de Linn durante um mês no perfil pessoal de Tatá Werneck para realização de tais debates.

Para além dessas reportagens, recolhemos também as críticas realizadas sobre o documentário “Bixa Travesty” (YouTube Filmes, 2019) na plataforma de compartilhamento de vídeos, YouTube, onde a produção pode ser adquirida. Tal escolha se deu pelo fato deste documentário ser uma obra de extrema importância na carreira de Linn da Quebrada, tanto por apresentar, de uma maneira muito íntima, parte de sua história de vida, quanto por ser uma demonstração de seu trabalho como atriz e roteirista.

Após extrair as reportagens e os comentários, iniciou-se o trabalho de organização do material coletado e a escolha do corpus de análise da pesquisa. Inicialmente, para fins de organização, foi realizada uma primeira leitura de todas as reportagens e comentários. Posteriormente, apenas o segundo tipo de material foi discriminado e agrupado em categorias criadas a partir das frequências temáticas.

Torna-se relevante, nesse momento, já destacar alguns dados recolhidos logo nas primeiras etapas da pesquisa. Primeiramente salientamos que, até a data final da coleta de dados dessa pesquisa, as poucas reportagens sobre o trabalho de Linn com espaço para comentários de internautas estão inseridas entre os anos de 2016 a 2020. Tal fato já nos aponta os indícios do apagamento que a população trans e travesti enfrenta, uma vez que esses são alguns dos corpos mais assassinados, não registrados e não notificados em nosso país.

Para além da violência simbólica da tentativa de apagamento das vitórias e da existência da população trans e travesti, outros tipos de violências puderam ser desvelados a partir da análise dos comentários publicados pelos internautas nas reportagens selecionadas para essa pesquisa. Salientamos de antemão que, para além dos comentários violentos, podemos também observar movimentos de resistência que surgem também nesses espaços, os quais contam com comentários que promovem reflexões e conscientizam os outros leitores.

Nesse sentido, o fluxo de análise dos comentários resultou nas seguintes categorias: “Reações frente a diferença anatômica dos sexos” (dividida nas subcategorias: 1) Comentários deslegitimadores das identidades trans/travesti 2) Comentários legitimadores das identidades trans/travesti 3) Comentários contra trans/travesti 4) Comentários pró trans/travesti), “Comentários vinculados a ideais religiosos”, “Comentários violentos/Ofensas”, “Comentários negativos”, “Comentários vinculados a ideais políticos”, “Comentários

reflexivos/provocadores”, “Comentários positivos” e “Demonstrações de afetos positivos para com a artista”.

Para mais, destaca-se que variáveis como o gênero e a idade dos internautas não foram analisadas e que para fins de manutenção do sigilo da pesquisa eles serão citados com nomes fictícios.

Nesse sentido, no capítulo seguinte, analisaremos as categorias separadamente. Para tanto, extraímos os comentários mais significativos para a discussão, na medida em que eles sintetizam aquilo que se repete na maioria das reportagens e da plataforma digital selecionadas para a pesquisa.

4 DISCUSSÃO DAS CATEGORIAS

Antes de discutirmos as categorias uma a uma, é relevante apresentarmos os resultados quantitativos acerca das categorias formadas. Em termos brutos, foram analisados 230 comentários que se dividiram da seguinte forma: 56 em “Comentários violentos/Ofensas”, 4 em “Comentários vinculados à ideais políticos”, 12 em “Comentários negativos”, 46 em “Comentários positivos”, 13 em “Comentários reflexivos/provocadores”, 4 em “Comentários vinculados a ideais religiosos”, 15 em “Comentários legitimadores das identidades trans/travesti”, 17 em “Comentários deslegitimadores das identidades trans/travesti”, 30 em “Comentários pró trans/travesti”, 25 em “Comentários contra trans/travesti” e 8 em “Demonstrações de afeto positivo para com a artista”.

Enfatizamos que, por questões que serão explicadas no decorrer da pesquisa, foram construídos três gráficos distintos a fim de esclarecer aspectos relativos as características dos internautas de cada uma das mídias sociais presentes na pesquisa.

Figura 1

Total de comentários analisados em categorias

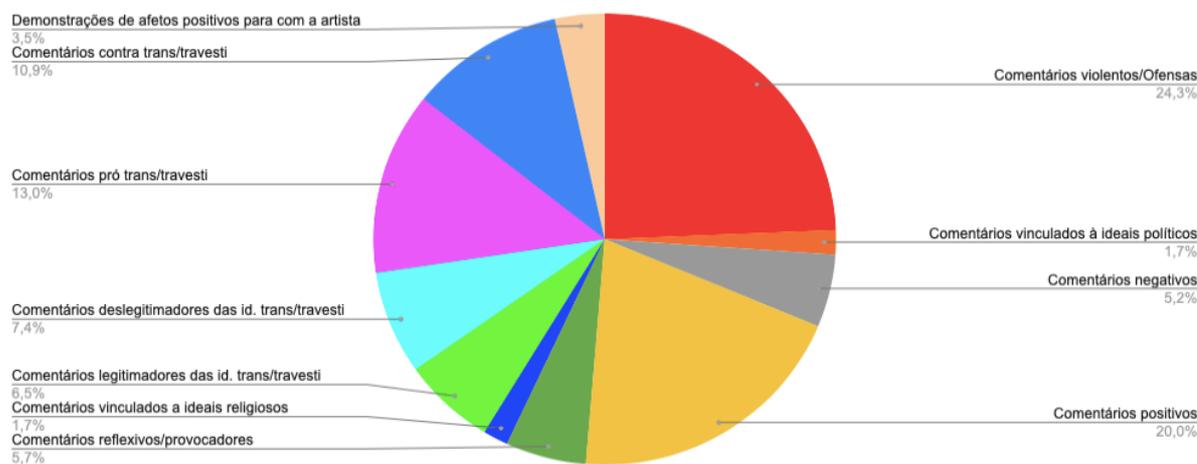
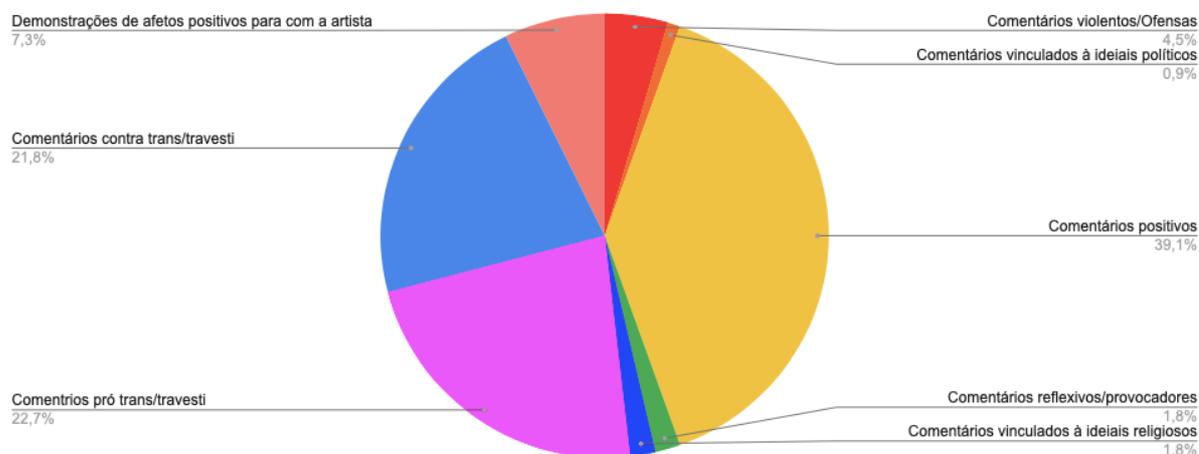
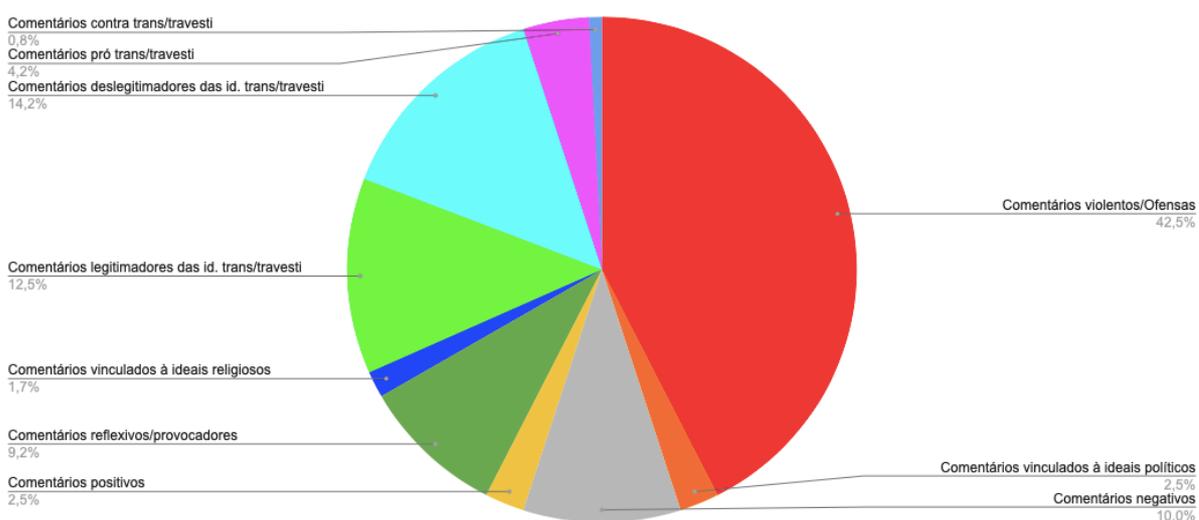


Figura 2

Total de comentários do YouTube analisados em categorias

**Figura 3**

Total de comentários analisados em categorias, exceto os retirados do YouTube



4.1 Reações frente à diferença anatômica dos sexos

Começaremos a discussão pela categoria “Reações frente à diferença anatômica dos sexos”, por entender que ela comporta, de maneira geral, duas modalidades de compreensão dos gêneros e das sexualidades, as quais conseqüentemente refletem em atitudes opostas perante Linn da Quebrada e suas produções. Uma delas é positiva e a outra negativa, noções estas que perpassam de alguma maneira todos os comentários que serão analisados na pesquisa.

Essa categoria se subdivide em outros dois pares (4 subcategorias). Por motivos metodológicos, o primeiro par de subcategorias conta com comentários retirados de uma única

entrevista do site Omelete e, nela, observamos, com grande clareza, as disputas de poder no tocante às concepções de gênero e sexualidade. O segundo par de subcategorias comporta mensagens de pessoas que se dividem entre aquelas interessadas nos trabalhos da artista e aqueles que questionam o interesse dos outros internautas e/ou reprovam o trabalho de Linn da Quebrada.

Desse modo definimos as seguintes subcategorias: 1) Comentários deslegitimadores das identidades trans/travesti 2) Comentários legitimadores das identidades trans/travesti 3) Comentários contra trans/travesti 4) Comentários pró trans/travesti.

Começamos a discussão das duas primeiras subcategorias porque ali se apresentam um dos núcleos que sustentam inúmeros comentários violentos dirigidos a Linn, suas produções e às demais pessoas não cisgêneras.

Quanto à subcategoria “Comentários deslegitimadores das identidades trans/travesti”, elencamos a título de exemplo as seguintes afirmações:

Então um gênero agora é o que for conveniente pra mim? Os termos científicos morreram, rsrs. Macho ou fêmea? Sou um helicóptero de ataque, mermão (Pedro).

O que é subjetivo, me refiro a termos científicos, seu exemplo de fetiches é perfeito, fetiches são baseados em desejos sexuais influenciados por uma série de fatores, não é objetivo, o mesmo sobre atração sexual, agora o gênero, o sexo, o que define se a pessoa é tecnicamente homem ou mulher, é algo objetivo, como você mesmo disse, existe pênis e vagina, o que pode ser usado como analogia pra cromossomos. Eu posso dizer que sou um helicóptero de ataque, o que é subjetivo, mas tenho o cromossomo masculino, o que tecnicamente, cientificamente, faz de mim um macho da espécie homo-sapiens. (Pedro).

Quanto à subcategoria “Comentários legitimadores das identidades trans/travesti” salientamos, a título de exemplo, as seguintes afirmações:

Acho que existe pênis e vagina, mas a sexualidade humana é muito maior que meras questões físicas. É totalmente psicológico, é só analisar a existencia de fetiches (e a quantidade deles) pra ver que o sexo humano é muito evoluído e essas discussões são bem válidas. Concordar ou não vai de cada um. (João).

Vou fazer uma lista de coisas que você não entendeu até agora:

-O conceito de masculinidade e feminilidade, que não são biológicos, mas sociais e culturais, portanto históricos.

-O conceito de campo semântico. Leia de novo o que eu escrevi e você verá que a sua defesa acima de seu uso de “helicóptero de ataque” não faz sentido.

-O conceito de casal (de onde você tirou essa definição?). -O conceito de falácia (e o de paradoxo). -O conceito de ciência, que para você é uma caricatura de ciência biológica.

-Os conceitos de objetividade e de subjetividade. Você ainda acredita que objetividade é traço fundamental da ciência, não considera o papel essencial do observador, principalmente nas ciências humanas, e não faz ideia do que subjetividade significa [...] (Gabriel).

Nesse sentido, percebemos que a discussão se dá em torno da questão da diferença anatômica dos sexos, das leituras e das atitudes apresentadas diante dessa diferença. Sendo assim, retomemos, nesse momento, as contribuições de Cevasco (2010) em torno das definições estabelecidas entre o sistema sexo-gênero, no qual o primeiro é definido a partir dos aspectos cromossômicos, hormonais e gonodais, enquanto o segundo refere-se às identidades e papéis sociais (homem/mulher, masculino/feminino).

Partindo dessas contribuições, percebemos, então, dois tipos de leitura bastante distintos nesse diálogo: de um lado observamos aqueles que fazem a leitura do gênero enquanto uma continuidade do sexo, na qual o órgão sexual necessariamente definirá o gênero a qual cada um deve identificar-se, ilustrado a partir dos seguintes trechos de comentários de internautas: “Então um gênero é agora o que for conveniente para mim? Os termos científicos morreram, rsrs. Sou um helicóptero de ataque mermão.” e “[...] **o gênero** [ênfase adicionada], o sexo, o que define se a pessoa é tecnicamente homem ou mulher, é algo objetivo, como você mesmo disse, existe pênis e vagina, o que pode ser usado como analogia para cromossomos.” (Pedro).

Na contramão dessa leitura, notamos as pessoas que possuem uma outra compreensão do sistema sexo-gênero, a qual leva em consideração que a identidade de gênero é construída a partir de vários aspectos para além daqueles orgânicos de cada corpo. Destacamos, nesse momento, o trecho a seguir:

Acho que existe pênis e vagina, mas a sexualidade humana é muito maior que questões físicas. É totalmente psicológico, é só analisar a existência de fetiches (e a quantidade deles) pra ver que o sexo humano é muito evoluído e essas discussões são bem válidas. (João).

Estando essas duas leituras do sistema sexo-gênero apresentadas, torna-se relevante discutirmos essas concepções a partir de outros espaços que também se amparam em perspectivas parecidas. Destacamos aqui algumas abordagens da transexualidade no campo da

saúde, já que é latente, na atualidade, a discussão sobre a despatologização das identidades não cisgêneras.

Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012), em seu artigo “Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas”, realizam, naquele ano, uma rica abordagem do tema, ao analisarem as leituras das transexualidades e travestilidades presentes em documentos da Associação de Psiquiatria Norte-Americana (APA) e da Organização Mundial da Saúde (OMS). Segundo as autoras, tanto no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), divulgado pela APA, quanto no Código Internacional de Doença (CID-10), divulgado pela OMS, as pessoas transexuais são construídas enquanto portadoras de “um conjunto de indicadores comuns que as posicionam como transtornadas, independentemente das variáveis históricas, culturais, sociais e econômicas” (Bento & Pelúcio, 2012, p. 572).

Atualmente o DSM está em sua quinta versão e apresenta um capítulo destinado à “Disforia de gênero” e o CID, já em sua décima primeira versão, dispõe em seu capítulo “Condições relacionadas à saúde sexual” a classificação “incongruência de gênero”. Tais disposições apontam que, apesar das diferentes nomenclaturas utilizadas, todas as experiências humanas não cisgêneras continuam, insistentemente, sendo classificadas nesses manuais de conduta.

Nessa lógica, Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012) continuam atuais ao apontarem que o argumento da não correspondência entre sexo e gênero na patologização das identidades não cisgêneras circula amplamente em todas as esferas e relações sociais, sendo impossível identificá-lo como exclusivo do que chamamos de senso comum. Nas palavras das autoras: “Aqui, senso comum e pensamento científico hegemônico se retroalimentam, tornando difícil identificar onde começa um e termina outro” (p. 575).

As concepções até aqui apresentadas mostram que o sistema sexo-gênero pode ser interpretado de diferentes maneiras, havendo aqueles que acreditam que todo o sistema é determinado pelos órgãos genitais, enquanto outros entendem a complexidade existente nos processos de identificação a um ou outro gênero. Dito isso, cabe agora apontar que a concepção do sexo enquanto algo anatômico e do gênero enquanto histórico e socialmente construído não são um consenso.

Judith Butler (2019) em “Corpos que importam: sobre os limites discursivos do sexo” vai defender a ideia de o “[...] ‘sexo’ é um constructo ideal forçosamente materializado ao longo do tempo” (p. 16). Para ela, a diferença sexual nunca é simplesmente uma função de diferenças materiais, uma vez que, na realidade, elas se estabelecem necessariamente e simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas.

Para a autora, no que tange às práticas discursivas, podemos perceber que as normas regulatórias do “sexo” trabalham de maneira performativa para construir a materialidade dos corpos, ou melhor, para materializar o sexo do corpo e, com isso, colocar a diferença sexual também a serviço de uma consolidação do imperativo heterossexual.

Nessa lógica, Butler (2019) defende que o “sexo” não é simplesmente aquilo que alguém tem, mas algo que se estabelece enquanto uma das normas pelas quais uma pessoa simplesmente se torna viável, sendo aquilo que qualifica determinado corpo para a vida dentro do domínio do que ela chama de “inteligibilidade cultural”.

Sendo assim, a autora, em sua análise, aponta que essa matriz de formação de sujeitos se dá a partir de regimes de exclusão, uma vez que, ela exige simultaneamente a produção de um domínio de seres abjetos, ou seja, aqueles que ainda não são considerados “sujeitos”, mas que formam o exterior que delimita a fronteira dos dois domínios, o da inteligibilidade e o da abjeção.

Nas palavras de Butler (2019, p. 19):

A formação de um sujeito exige uma identificação com o fantasma normativo do sexo, e essa identificação toma lugar mediante um repúdio que produz um domínio de abjeção, um repúdio sem o qual o sujeito não pode emergir. Esse é um repúdio que cria a valência da "abjeção" e sua condição para o sujeito como um espectro ameaçador. Além disso, a materialização de um dado sexo vai se preocupar sobretudo com a *regulação de práticas identificatórias* [ênfase adicionada], de tal forma que a identificação com a abjeção de sexo será persistentemente repudiada. E, ainda assim, essa abjeção repudiada ameaçará expor as presunções fundadoras do sujeito sexuado, fundado como sujeito por um repúdio cujas conseqüências [sic] ele não pode plenamente controlar de todo.

Butler (2019) também faz questão de responder às críticas que fazem de uma abordagem determinista tanto do sexo quanto do gênero, apontando que elas 1) degradam o natural ao colocá-lo como anterior à “inteligibilidade” e se esquecem que a natureza tem uma história (para além da história social); 2) o próprio conceito de sexo é formado a partir de uma série de contestações em torno de qual deve ser o critério para distinguir entre os dois sexos (o que fica evidente quando observamos como são tratados os casos de pessoas intersexuais).

Nesse sentido, segundo a autora, se o gênero é formado a partir dos “[...] significados sociais que o sexo assume, então o sexo não acumula significados sociais como propriedades aditivas, mas, em vez disso, é substituído pelos significados sociais que perpetua [...]” (Butler, 2019, p. 21).

É a partir desse pensamento que Butler (2019) aponta que a interpelação médica que transforma uma criança, de um ser “neutro” em um “ele” ou “ela”, é a prática pela qual a criança é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco já se dá através da interpelação do gênero, prática esta que perdurará por toda a vida através de inúmeras reiterações por parte de autoridades, familiares e outros espaços sociais. Nessa perspectiva, a autora constata que “[a] denominação é, ao mesmo tempo um modo de configurar um limite também de inculcar repetidamente uma norma” (Butler, 2019, p. 25).

Dito tudo isso, podemos agora perceber com maior clareza como os comentários vão se organizando nessa disputa que na primeira subcategoria se apresenta não só através do senso comum como também através do véu da ciência, em uma constante batalha entre aqueles que percebem as discontinuidades do sistema sexo-gênero e aqueles que insistem em operar no discurso cis-heteronormativo enquanto suposta matriz universal.

Nesse sentido, destacamos, nesse momento, a subcategoria “Comentários contra trans/travesti” para a qual destacamos como exemplo as seguintes afirmações:

olha o nível das pessoas. Vangloriando travesti que não se respeita e quer respeito e colocando a baixo alguém que poderia ao menos ensinar alguma coisa. Trash! (Eduardo).

vai gastar seu auxilio com comida, seu imbecil” (Carlos; comentário de um internauta que critica o interesse de um outro internauta em comprar o documentário de Linn da Quebrada).

A subcategoria “Comentários pró trans/travesti” foi formada a partir de internautas que, aliados à causa das pessoas não cisgêneras, apresentaram comentários em contraponto e resistência à violência daqueles que formaram a subcategoria anterior. A título de exemplos da última subcategoria elencamos as seguintes afirmações:

@Eduardo. não coloquei ninguém abaixo, reconheço a importância do Machado de Assis, mas acho extremamente limitante a sua linha de raciocínio, achar que a cultura erudita é a única existente. Esse filme é sobre outra narrativa outra história de outro tempo, n sei se percebeu mesmo com o nome Bixa Travesty enfim cada um com sua interpretação de texto. Aprecio de forma geral a cultura geral do Brasil, nordeste norte sul sudeste... (Cristian).

Poxa...pena que e pra alugar ou comprar quando eu pega os meus 600 eu compro tra tra tra kkk ♡ (Leandro).

Nesse sentido, quanto à subcategoria “Comentários contra trans/travesti” o que chama a atenção são as ações violentas de expressão de degradação e deslegitimação do trabalho da artista não reconhecendo seu estatuto de arte. Para além disso, torna-se relevante apontar que, apesar dos comentários ofensivos da segunda subcategoria não fazerem nenhuma menção direta à questão do gênero, a obra comentada é “Bixa Travesty”, título que comporta ao mesmo tempo um termo socialmente relacionado a uma sexualidade não heterossexual (Bixa) e o outro que se refere a uma identidade não cisgênera (Travesty).

4.2 Comentários vinculados a ideais religiosos

Nessa categoria, estão inseridos os comentários que veiculam conteúdos relacionados a religião. Primeiramente é necessário apontar que as mensagens são majoritariamente relacionadas a religiões judaico-cristãs e tem por intuito desaprovar, censurar e/ou condenar as experiências relacionadas tanto as sexualidades não heterossexuais quanto as identidades de gênero trans/travesti ou qualquer outra que não siga a lógica binária.

Com a finalidade de deslegitimar toda experiência não cisgênera e heterossexual, condenar moralmente e castigar são transmitidas passagens bíblicas como essa:

[...] e por não terem buscado conhecer o Eterno, YHWH os entregou ao desejo impuro de seus corações, à imundície com que corrompem seus próprios corpos, abandonam o uso natural da mulher e, inebriados pela cupidez e pela libido, praticam a sodomia e a carnalidade perversa, mas receberão devido castigo por sua transgressão, pois são estultos, rebeldes com os pais, engenhosos no mal,.. "ROM. Cananeus Filhos de Sodoma, o lago de fogo os espera! (Jair).

A partir desse tipo de comentário é possível observar uma incompreensão quanto a diferenciação do que é a orientação sexual e da identidade de gênero, uma vez que, passagens bíblicas que falam sobre o ato sexual entre pessoas do mesmo sexo são também usadas para desaprovar e condenar experiências relacionadas a identidade de gênero trans/travesti.

Desse modo, observamos aqui um aglutinamento entre a homofobia e a transfobia, que apesar de cada uma possuir suas especificidades, compartilham de um mesmo denominador comum: são decorrentes de experiências que rompem com a cis-heterossexualidade compulsória.

Marcelo Natividade e Leandro de Oliveira (2009) a partir dos avanços nos debates relativos a união civil de pessoas do mesmo sexo, a violência contra as mulheres e “minorias

sexuais” defendem uma compreensão socioantropológica da homofobia para além da visão unicamente psicológica (aversão a homossexualidade).

Tal concepção deve considerar os aspectos fenomenológicos, sociais, culturais e políticos enquanto interdependentes, sendo capaz de construir associações nos pontos de aparente descontinuidade, uma vez que, atualmente ações antes naturalizadas até mesmo pelo Estado, como é o caso do não reconhecimento da união civil entre pessoas do mesmo sexo, são hoje entendidas enquanto cerceamento de direitos (Natividade & Oliveira, 2009).

No que tange a homofobia religiosa, percebemos formas de repúdio bastante explícitas, que extrapolam o espaço privado e emergem também na esfera pública, as quais apresentam a homossexualidade enquanto uma prática contingente e moralmente condenável subtraindo a legitimidade às identidades LGBT e suas cidadanias (Natividade & Oliveira, 2009). Podemos observar tais condutas nos comentários supracitados assim como na interferência do discurso religioso em ambientes políticos, a qual percebemos a partir do avanço das pautas conservadoras na Câmara dos deputados, ilustrada pelo movimento realizado pela “Bancada evangélica” para retirar a palavra “gênero” do Plano Nacional de Educação em uma tentativa de barrar qualquer direito da comunidade LGBT e das mulheres (Bedinelli, 2017).

Nesse sentido, os dados até aqui apresentados corroboram com as afirmações de Marcelo Natividade e Leandro de Oliveira (2009) de que a reiteração da heterossexualidade compulsória no contexto religioso se dá através de sujeitos que tentam construir um tipo de identidade de gênero e sexual única (cisgênera e heterossexual) “representando-se como portavozes de valores universais, bastiões da moralidade, conjugando percepções negativas da diversidade sexual a uma atuação em oposição ao seu reconhecimento, compreendido como ameaça” (p. 132). Fica evidente tal estratégia discursiva quando percebemos no comentário citado acima, à associação da homossexualidade a algo perverso e mal.

4.3 Comentários violentos/Ofensas

Nessa categoria, estão inseridos os comentários que comportam “ofensas” que, segundo Antônio Soares Amora (2009, p. 495), podem ser definidas como “1. Ultraje; 2. lesão de fato ou por palavras; 3. o ato de ofender alguém [...] 5. desconsideração”. Para além das ofensas, estão presentes também comentários que, por qualquer outro motivo, exprimem conteúdo violento, ou seja, que comporta um ato “[...] impetuoso; 2. irascível; 3. intenso; veemente; 4. que sai dos justos limites” (Amora, 2009, p. 770).

A título de exemplo ressaltamos os seguintes comentários:

TUDO L-I-X-O- (Alex)

Dona Glób0... realmente vcs não entendem que o povo Brasileiro não aceita esse tipo de bizarrice dentro de nossa casa! Parem com essa psicose de lacração, pq vcs estão em decadência cada dia mais na audiência, com esse tipo de ideologia! (Michel)

é benino ou benina? sai fora daqui seu fiatinho! (Paulo)

Coisa mais hilário é um travestiComCALVICIE. Olha o tamanho da testa. (Norberto)

hOMEM VESTIDO DE MULHER E VICE VERSA NÃO ENTRA NA MINHA CASA..NEM PELA tv. (Anderson)



(Mateus).

Primeiramente, no que tange os comentários das reportagens, essa categoria é quantitativamente a mais expressiva. Notamos também que a grande maioria das mensagens utilizam de desqualificações relacionadas a estética, performatividade de gênero e/ou sexualidade como ilustradas através das seguintes mensagens respectivamente “Coisa mais hilário é um travestiComCALVÍCIE. Olha o tamanho da testa” (Norberto) e “é benino ou benina? Sai fora daqui seu fiatinho” (Paulo).

Para mais, também encontramos uma quantidade significativa de comentários contendo relação direta entre a artista e/ou seu trabalho a dejetos, através de mensagens como “TUDO L-I-X-O” (Alex) e “Parece o Michael Jackson com diarreia” (Tadeu).

Nesse momento, é pertinente retomarmos toda a discussão realizada no primeiro capítulo juntamente às discussões realizadas na primeira categoria. Do primeiro capítulo, nos interessam os mecanismos pelos quais, ao mesmo tempo, perpetua-se a concepção do homem enquanto possuidor de um pênis, corajoso, forte, vigoroso, racional e dominador, e segrega todas as experiências que fogem a essa regra. Um internauta, ao apontar em Linn algum aspecto estético socialmente ligado aos homens, não tem outro intuito a não ser o de constranger e/ou deslegitimar uma identidade por meio daquilo que Butler (2019) chamou de reiteração das normas regulatórias do sexo, as quais resultam em uma insistente e violenta tentativa de manter a experiência transexual enquanto ininteligível.

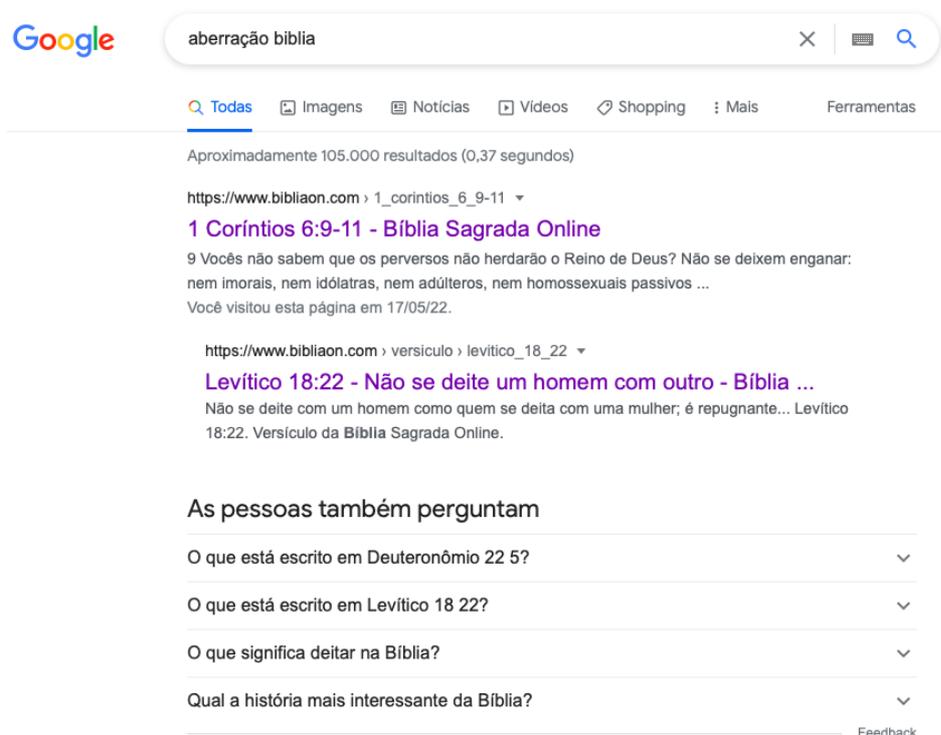
Da discussão da primeira categoria, nos interessa especificamente as construções de Judith Butler (2019) acerca do domínio da inteligibilidade cultural e, por conseguinte, no

domínio da abjeção. Nesse sentido, cabe apontar que o Antônio Soares Amora (2009, p. 3) define abjeção como “Infâmia, aviltamento, baixaza”. Logo, quando um internauta escolhe comentar que a artista se parece com “Michael Jackson com diarreia”, ele, ao mesmo tempo, violenta e deslegitima a identidade feminina da artista como também a degrada, a associando ao domínio da abjeção, àquilo que não é inteligível.

Continuando na mesma lógica e usando das mesmas estratégias violentas, palavras como “bizarro” e “aberração” também apareceram com uma frequência elevada, sendo possível estabelecermos uma relação direta com a categoria dos “comentários vinculados a ideais religiosos”, uma vez que o significante “aberração”, entendido enquanto “anomalia; deformidade” (Amora, 2009, p. 3) é relacionado, por diversas vezes, à sexualidades não heterossexuais e às identidades não cisgêneras, ilustradas através de uma pesquisa rápida no site de busca Google:

Figura 4

Pesquisa por “aberração bíblia” no site Google



Nesse sentido, as elaborações de Marcelo Natividade e Leandro de Oliveira (2009) são precisas ao afirmarem que esses enunciados religiosos podem ser entendidos como performativos, já que são atos que, ao mesmo tempo, produzem tanto o sujeito da fala quanto o objeto do enunciado. Nas palavras dos autores: “Enunciar, por exemplo, que o

‘homossexualismo é uma abominação’ implica defender a existência, a inteligibilidade e a materialidade de uma posição de pureza externa em face do *homossexualismo*, ocupada exclusivamente pela heterossexualidade” (Natividade & Oliveira, 2009, p. 138).

Felipe Bruno Martins Fernandes (2013), ao refletir sobre diversidade sexual e intolerância religiosa, define o Brasil contemporâneo a partir de três aspectos que precisam ser analisados de maneira interseccional e transversal. O primeiro deles apresenta a permanente contradição entre dois núcleos de discursos: conservadores e progressistas.

O segundo aponta a existência de uma “batalha religiosa”, a qual pode ser ilustrada por meio da batalha travada pelos neopentecostais contra as religiões afro-brasileiras. Segundo o autor, o que está em jogo nessa batalha são as mediações mágicas e o transe religioso, na medida em que as religiões afro-brasileiras têm a tradição da experiência religiosa no corpo e quebram as noções de sagrado e profano (céu e terra) através das figuras dos orixás, elementos estes que neopentecostalismo relaciona a “ação do demônio no mundo”.

Destaca-se também que nas religiões afro-brasileiras a quebra de noções entre o sagrado e o profano podem também ser pensadas em paralelo com as questões de gênero e sexualidades, uma vez que, nessas religiões são também quebrados os estereótipos de masculino e feminino bem como a diferenciação entre as sexualidades “normais” e “desviantes”, ilustradas nas figuras de orixás como, por exemplo, “[...] da Pombagira – que representa uma prostituta; e de Iansã – que, mesmo tendo nove filhos, não se restringe ao lar” (Guiumbelli, 2006 como citado em Fernandes, 2013, p. 487).

E, por fim, a terceira característica apontada por Felipe Bruno Martins Fernandes (2013) são os altos índices de violência letal contra pessoas LGBT, os quais podem ser definidos pela expressão “hierarquias sociais”, nas quais as pessoas são erroneamente “classificadas” a partir de marcadores como raça, classe, gênero e orientação sexual.

4.4 Comentários negativos

Antônio Soares Amora (2009, p. 483) define a palavra “negativo” enquanto aquilo “Que exprime ou envolve negação; nulo, contraproducente”. Nessa categoria encontram-se os comentários que negam, em alguma medida, a qualidade, e/ou pertinência do trabalho da artista, ou ainda tentam deslegitimar as produções através de concepções obsoletas de arte.

Como exemplos da categoria temos as seguintes afirmações:

Tatá o q? Linn da quebrada? Pobre Brasil (Alexandre).

Uma palavra: funk. De todos os lixos culturais da Terra foi escolher logo o que usa menos neurônios... Se acha radical, rebelde, revolucionário, diferente? É apenas mais um igualzinho a manada, sardinhas, e massa manipulada. A única diferença é que apareceu nas notícias. (Francisco).

Observa-se, nessa categoria, o uso frequente da ironia na deslegitimação da qualidade e competência da Linn como podemos notar em comentários como esse: “Linn da Quebrada muito bom! Brasil sil sil sil”. Para além disso, é impossível não perceber outras opressões presentes nesses comentários, tais como o racismo e o classismo, na medida em que diversos comentários são direcionados não apenas a Linn como também para todo um gênero musical, como é o caso do funk.

Nesse sentido, é necessário ressaltar que o funk em questão é diferente daquele originário nos Estados Unidos da América. Nesses comentários, as críticas são direcionadas ao estilo musical oriundo inicialmente das favelas do Rio de Janeiro no final da década de 1970 e início dos anos 80. A partir desse contexto, podemos então entender as violências que são condensadas em frases como:

Uma palavra: funk. De todos os lixos culturais da Terra foi escolher logo o que usa menos neurônios... Se acha radical, rebelde, revolucionário, diferente? É apenas mais um igualzinho a manada, sardinhas, e massa manipulada. A única diferença é que apareceu nas notícias. (Francisco).

No que tange ao marcador “classe” na comunidade trans, estamos falando diretamente sobre os problemas sociais que, de maneira desproporcional, afetam essa parcela da população, especialmente as pessoas trans negras, com deficiência e/ou periféricas, colocando muitas delas em uma situação de alta vulnerabilidade e precarização (Benevides, 2022).

Em decorrência da transfobia, tais problemas sociais aparecem de forma evidente nas estatísticas relacionadas ao trabalho ou a sua inexistência na vida das pessoas trans. Segundo dados divulgados em 2021 pela ANTRA, a estimativa era de que apenas 4% da população trans feminina se encontrava em empregos formas, com possibilidade de promoção e progressão de carreira, 6% estavam em atividades informais e subempregos, enquanto a maioria, cerca de 90%, utilizavam a prostituição como fonte primária de renda (Benevides & Nogueira, 2021).

Sendo assim, nas palavras de Benevides e Nogueira (2021, p. 42):

É exatamente dentro desse cenário em que se encontram a maioria esmagadora das vítimas, tendo sido empurradas para a prostituição compulsoriamente pela falta de oportunidades, onde muitas se encontram em alta vulnerabilidade social e expostas aos maiores índices de violência, a toda a sorte de agressões físicas e psicológicas.

Nesse sentido, as estatísticas de 2021 acompanham a dos anos anteriores, apontando que, pelo menos, 78% dos assassinatos de pessoas LGBT foram direcionados contra travestis e mulheres trans profissionais do sexo, destacando-se ainda que esses assassinatos ocorrem em sua maioria, no espaço público e muitas vezes a luz do dia (Benevides, 2022).

O dossiê da ANTRA publicado em 2022 aponta o esforço no mapeamento do marcador “raça e etnia” das vítimas fatais de crime transfóbico por meio de análises das imagens e perfis encontrados em redes sociais. Sobre essa questão foi observado que 81% eram mulheres trans e travestis pretas e pardas, 18% brancas e 1% indígena.

Para mais, Benevides (2022) ressalta que, apesar da questão racial se apresentar de diversas formas e contextos em cada região, é inegável o fato de que a população negra tem maiores chances de ser assassinada, probabilidade que será intensificada se a pessoa for trans.

Por fim, é notório que dentro de inúmeras variáveis que aumentam ou diminuem a vulnerabilidade e precariedade da vida das pessoas, as mortes acontecem com maior intensidade entre mulheres trans e travestis e negras, da mesma forma que são essas mulheres negras que têm a menor escolaridade, menor acesso ao mercado formal de trabalho e às políticas públicas. Sendo também as mulheres trans e travestis negras a maioria na prostituição de rua e conseqüentemente as mais expostas às violências e precariedades (Benevides, 2022).

A partir do acima exposto fica evidente que as mesmas violências sofridas pela população trans e intensificadas pelos marcadores de “classe” e “raça” são também presentes e igualmente intensificadas no âmbito virtual quando tais marcadores se fazem presentes.

4.5 Comentários vinculados a ideais políticos

Na categoria “Comentários vinculados a ideais políticos” encontram-se aqueles que apresentam as críticas à artista e/ou aos veículos de comunicação por meio das percepções políticas dos internautas. Destacamos as seguintes afirmações como ilustrações da categoria:

Essa “artista” já pode passar na universidade federal mais próxima para pegar seu diploma de humanas, pois seu discurso globalista está afinado com a hegemonia esquerdista que contamina nossas universidades. (Antônio).

Os bozominions choram (Inácio).

Destaca-se que, nas reportagens, a grande maioria dos comentários com vinculação política critica as produções da artista e as relaciona à posição política de esquerda, ainda que nos trabalhos da artista não exista tais relações de maneira explícita. Ressalta-se também o

frequente uso do significante “esquerdista”, enquanto uma ofensa que é direcionada não só a artista mas também a qualquer pessoa que faça aliança ou concorde com as ideais propagadas nas produções de Linn da Quebrada.

Gustavo Gomes da Costa Santos (2016), em seu trabalho acerca das candidaturas eleitorais brasileiras que se comprometeram explicitamente com os direitos sexuais na contemporaneidade, aponta, ao analisar as filiações partidárias das candidaturas LGBT, que foi possível perceber uma forte correlação entre o número de candidaturas LGBT e a posição em que o partido ocupa dentro do espectro político-ideológico. A partir dessa correlação, o autor afirma que: “[...] quanto mais à esquerda do espectro ideológico o partido político encontra-se, maior será a probabilidade de encontrarmos candidaturas abertamente ‘LGBT’” (Santos, 2016, p. 173).

Sobre isso, as pautas LGBT e as de esquerda parecem retroalimentar um discurso de ódio, na qual tanto a esquerda sofre represálias quando assente com pautas LGBT, quanto o movimento social em si que é também associado a uma posição de esquerda sem as necessárias indagações.

Entretanto, é necessário ressaltar que nesse mesmo estudo, Gustavo Gomes da Costa Santos (2016), faz algumas ressalvas importantes das quais destacamos aqui duas: 1) a maior probabilidade de encontrarmos candidaturas LGBT em partidos de esquerda não diz, necessariamente, de um amplo assentimento das pautas e candidaturas desse movimento social. Desse modo, observa-se que historicamente houve inúmeras dificuldades em alinhar a luta pela livre orientação sexual/ identidade de gênero às demais pautas da esquerda, como foi o caso do rechaço ao nome de Fernando Gabeira enquanto companheiro de chapa de Luiz Inácio Lula da Silva, em 1989, com uma justificativa de uma postura não suficientemente viril; 2) O PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), partido referenciado na literatura enquanto “centro”, no trabalho citado, apareceu com o terceiro maior número de candidaturas LGBT, tendo também, em seu diretório paulista, um setorial pró-diversidade nomeado de “Diversidade Tucana”. (Santos, 2016).

Nessa lógica, nota-se como que, apesar da maior ou menor probabilidade de alinhamento de pautas, a luta pelos direitos não apenas da população LGBT continua sendo uma questão, independentemente da posição ocupada por cada partido dentro do espectro político-ideológico. É justamente nesse sentido que podemos afirmar que a transfobia é uma violência estrutural que incide sobre os corpos independentemente dos lugares que eles estejam ocupando.

Paralelamente às violências, observamos nas reportagens uma quantidade pequena de internautas que em defesa das produções de Linn questionam e apontam o caráter conservador de alguns comentários, relacionando-os, principalmente, à figura política do atual presidente da república, Jair Bolsonaro, ao fazerem uso de significantes que viralizaram na internet sob a forma de “meme”, como é o caso do termo “bozominions”. Destaca-se, nesse momento, que a postura abertamente homofóbica de Jair Bolsonaro pôde também ser observada nos inúmeros retrocessos das pautas LGBT, na Câmara dos deputados, quando o político ainda ocupava uma das cadeiras.

4.6 Comentários reflexivos/provocadores

Nessa categoria, estão inseridos os comentários que, em interação com o material midiático e comentários desfavoráveis de outros internautas, tentam, de alguma maneira, promover uma discussão reflexiva sobre os aspectos subjetivos e sociais que movem algumas pessoas em ações de constrangimento e/ou repressão da artista e/ou do veículo de informação.

Ressaltamos os seguintes comentários como exemplos da categoria:

O engraçado que os caras que comenta que não entra na casa e mil babozeiras .. oque veio fazer aqui na matéria?! se não gosta não tinha que nem te clicado aqui!

(Claudio).

Aos que vem aqui dar pitaco nessa matéria ofendendo é porque tem vontades reprimidas!! E eu dou risada! Quanto aos trans, que bom! Chega de sofrimento.

Representatividade sim! (Miro).

Percebemos uma constante na categoria, uma vez que a maioria dos comentários conta com um questionamento acerca da motivação do internauta que não aprova e ainda assim pesquisa por ele, além de destinar um tempo para comentar, ilustrada através do seguinte exemplo:

O engraçado que os caras que comenta que não entra na casa e mil babozeiras .. oque veio fazer aqui na matéria?! se não gosta não tinha nem que te clicado aqui! (Claudio).

Nesse sentido, cabe ressaltar o conceito do termo “algoritmo”, o qual possui enorme relevância na atualidade por explicar um pouco da vida no ambiente virtual. Entende-se por algoritmo uma sequência de instruções e operações que visam alcançar um objetivo. Para tanto os passos precisam ser finitos e operados sistematicamente, contando necessariamente com a entrada e saída de informações mediadas por essas instruções (Rock Content, 2019).

A lógica algorítmica foi apresentada nesse momento pelo fato dos comentários serem oriundos do cyberspaço, e, portanto, relacionadas diretamente a algumas operações realizadas através da inteligência artificial. Nesse sentido, ressaltamos aquilo que Fabian Fajnwaks (2017) explicitou:

A inteligência artificial designa a capacidade de certos algoritmos de gravar os comportamentos de um usuário para prever seus comportamentos futuros e, quando eles são programados para isso, escolher eles mesmos um critério a otimizar, independentemente da vontade da máquina e do programador. Os algoritmos que recomendam livros a comprar ou filmes a assistir na Amazon ou no Netflix pertencem a essa categoria: eles operam por *reforço comportamental*, por uma aplicação do comportamentalismo à tecnologia. Eles se baseiam estritamente no comportamento digitalizado do comprador, para recomendar produtos e otimizar sua atenção diante do bombardeamento de ofertas comerciais.

Nesse sentido, as provocações realizadas por parte dos internautas e direcionadas aos demais que violentam direta ou indiretamente a artista, são bastante pertinentes na medida em que apontam uma lógica de pesquisa não aleatória, mas que apresentam e os colocam em contato justamente com aquilo que eles dizem não gostar e querer.

Na mesma perspectiva, pensando em ações contraditórias, que, na práxis, aparecem concomitantemente, o Brasil além de liderar o ranking mundial de assassinatos de pessoas LGBT é também o líder na procura por pornografia com transexuais, como divulgado pela pesquisa do site RedTube.

O portal divulgou dados que deixam evidente a relação do brasileiro com a pornografia, relatando que “Você tem 89% mais chances de pesquisar sobre transexuais (no RedTube), se vier do Brasil” (Germano, 2018). Ainda, segundo a pesquisa do portal, quando considerado o termo em inglês “*shemale*”, comumente usado para busca de vídeos em sites pornô com pessoas trans, o tópico ocupa o quarto lugar no ranking de pesquisa dos brasileiros. E os números aumentam se levarmos em consideração as variações do termo e regionalismos (Germano, 2018).

Lacan (1972-1973) apresentou o neologismo “amódio” no “O seminário, livro 20: mais, ainda”, texto no qual o autor aborda a não complementariedade entre os sexos, e a impossibilidade de existência de uma definição única para a mulher. Nesse sentido, destaca-se que, para a psicanálise, o sujeito humano se estrutura em torno de uma falta ser, ou seja, ele advém do corte que se opera na relação entre o bebê e a mãe, como desenvolvido na seção 1.2 do primeiro capítulo.

Nessa perspectiva, é a partir da impossibilidade do bebê e da mãe serem um só que esta criança irá perceber-se enquanto faltosa (eu não possuo aquilo que minha mãe deseja) e se voltará para o mundo externo na expectativa de encontrar a parte faltante.

De outro modo, podemos dizer que, nesse estudo, Lacan aponta para a inexistência daquilo que, no senso comum, chamamos de “alma gêmea”. Nesse sentido, Lacan (1972-1973) usou essa expressão “amódio” para apontar os aspectos ambivalentes da experiência amorosa do ser humano. Nas palavras do autor: “O que, para vocês, eu gostaria de escrever hoje como a *hainamoration*, uma enamoração feita de ódio (*haine*) e de amor, um amódio, é o relevo que a psicanálise soube introduzir para nele inscrever a sua zona de experiência” (Lacan, 1972-1973, p. 122).

Nesse sentido, é necessário destacarmos dois aspectos sobre essa amálgama de afetos: 1) é muito comum não percebermos o amante como faltoso quando estamos enamorados, inclusive a frase “o amor é cego” é bastante recorrente nas advertências dadas por aqueles que já sofreram por amor; 2) geralmente conseguimos observar os efeitos do ódio com maior clareza depois das frustrações amorosas.

Dito isso, Adelina Lima Freitas e Ana Maria Rudge (2011, p. 250) afirmam que: “[...] se o amor pode, às vezes, disfarçar a falta, o ódio, pelo contrário, a coloca em evidência, revelando a falácia contida na ideia do encontro pleno na esfera amorosa, ainda que este sonho esteja presente desde os primórdios da constituição subjetiva”.

É precisamente nesse ponto, no qual o outro não é capaz de completar o sujeito, que a psicanálise contribui grandemente para a discussão desses casos em que os sujeitos são flagrados sendo, de alguma maneira, atraídos justamente por aquilo que eles dizem odiar, uma vez que esse ódio está intimamente ligado ao desejo de que esse outro corresponda às expectativas de cada um. Desse modo, podemos dizer que o sujeito busca no outro a parte faltante sem se dar conta dessa impossibilidade, já que essa falta se refere sempre do próprio sujeito e não do outro.

Arenas, Cunha e Machín (2019) fazem uma interessante articulação entre o amódio e o racismo, afirmando que: “[...] odeia-se no Outro sua maneira particular de gozar, justamente porque não é a minha ou porque implica a subtração da minha. Mas, esse Outro é Outro em mim; ou seja, a raiz do racismo é o ódio ao próprio gozo.”.

A partir do que foi exposto, podemos fazer uma discussão pertinente quanto à transfobia, uma vez que, como bem apontado por alguns internautas, há uma espécie de atração pela questão transexual por parte também desses internautas que disparam comentários odiosos à Linn da Quebrada e suas produções. Sendo assim, parece que o ódio que se expressa nesses

comentários é, antes de tudo, o ódio deles pelo próprio gozo, pelo interesse deles mesmos pelo tema do qual dizem não gostar.

4.7 Comentários positivos

Positivo: “1. Real; 2. que se apoia em fatos e na experiência; indiscutível; 3. afirmativo, decisivo [...] 5. aquilo que é certo [...]” (Amora, 2009, p. 562). Partiremos dessas significações para iniciar as discussões dessa categoria.

Ressaltamos como exemplos da categoria os seguintes comentários:

Parabéns por trazer matérias como esta, Omelete! (Italo).

Acabei de assistir e estou em êxtase! Que obra necessária, um tapa na cara do tabu.

Amo! (Charles).

PERFEITA DEMAIS, REPRESENTA MUITO (Dalva).

Inicialmente, percebemos que a maioria dos comentários aborda de alguma maneira a pertinência e a importância do trabalho da artista, através de significantes como “necessária” e “representa”, ambos vinculados à urgência em se discutir as questões relacionadas ao gênero, e principalmente às identidades trans e travesti. Ademais, encontramos também muitas parabenizações pela qualidade do trabalho e os agradecimentos pelo conteúdo e afetos despertados. Para além disso, é de suma importância destacarmos que não podemos analisar essa categoria apenas a partir da soma final dos comentários, uma vez que a grande maioria deles estão inseridos no documentário da artista vendido ou alugado na plataforma digital YouTube. Nesse sentido, nota-se que, nesse ambiente, prevalecem as interações de pessoas que, de alguma maneira, admiram a artista e/ou o seu trabalho em detrimento dos comentários de caráter negativo e/ou violento.

Para além disso, notamos que as avaliações positivas, tanto das matérias publicadas sobre a artista quanto aquelas direcionadas diretamente a Linn da Quebrada ou seu trabalho, parecem estar intimamente ligadas à concepção do sistema sexo-gênero adotadas pelos internautas.

Destacamos os seguintes comentários: “Acabei de assistir e estou em êxtase! Que obra necessária, um tapa na cara do tabu. Amo!” (Charles) e “Parabéns por trazer matérias como esta, Omelete!” (Italo). Apontam de maneira direta a pertinência das produções, desvelando

também as concepções acerca dos temas nos quais a sociedade ainda não caminhou, como é o caso do uso da expressão “[...] um tapa na cara do tabu”.

Nesse sentido cabe destacar o significado de “tabu”, o qual refere-se a “1. Característica atribuída a um objeto, pessoa ou comportamento que, entre alguns povos, os torna proibidos de serem mencionados ou abordados; 2. proibição determinada pelos costumes de uma sociedade [...]” (Amora, 2009, p. 704). Portanto, se há algo que podemos extrair dos comentários que apontam a necessidade do trabalho de Linn e sua vinculação aos processos de resistência às violências de gênero é o quanto esse sistema determinístico entre genital-sexo-gênero-sexualidade se apresenta enquanto sagrado, ou seja, aquilo que é “[...] 2. venerável; 3. inviolável; 4. puro, santo” (Amora, 2009, p. 655). Nessa lógica, percebemos que esse sistema, genital-sexo-gênero-sexualidade (seja pelo senso comum ou pelo discurso científico), tenta impor uma única composição/regulação sem se dar conta de que ele é, por natureza, completamente historicamente e socialmente determinado, uma vez que ele só se instaura a partir de vias discursivas.

4.8 Demonstrações de afetos positivos para com a artista

Em termos quantitativos, essa é terceira categoria de menor expressão contando com 3,5% de todos os comentários analisados. Entretanto, em termos simbólicos é extremamente significativa por trazer aspectos de humanização da população trans e travesti, na medida em que estabelece um contraponto em relação à fetichização a qual esses corpos são, na maioria das vezes, submetidos.

Destacamos os seguintes comentários a título de ilustração da categoria:
aqui uma capricorniana que te ama! (Maicon).

mal conheço e ja amo (Arthur).

Eu tenho uma tara nessa voz sensual que a Linn faz (Gustavo).

Frida Pascio Monteiro (2020), em sua pesquisa de mestrado intitulada “*Vivências afetivo-sexuais de mulheres travestis e transexuais*” traz reflexões importantes tanto a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema quanto a partir de entrevistas realizadas com essas mulheres.

Nesse trabalho a pesquisadora aponta que as vivências afetivas dessas mulheres são, na grande maioria das vezes, perpassadas pelos aspectos da construção da identidade na

socialização, destacando os processos históricos e sociais que resultam em um não-afeto e solidão experimentados por essas pessoas desde os espaços familiares, passando pelos de expressão, decisão e luta políticas. A autora ainda ressalta que as interseccionalidades existentes entre a dimensão do gênero e a étnico-racial apontam que:

Trata-se de algo particularmente real e doloroso quando entramos no campo da sexualidade, pois se há um elemento que aproxima mulheres negras e trans de forma particularmente perversa, é a ‘objetificação’ de nossos corpos que anda lado a lado com a visão destes mesmos corpos como ‘abjetos’ [...] (Monteiro, 2020, p. 94).

Para além dessas questões, Frida Pascio Monteiro (2020) ainda discute que as entrevistas de sua pesquisa apontaram para uma dificuldade em definir a própria ideia de afetividade, uma enorme complexidade e variedade nas construções de relacionamentos, uma predominância do afeto vivido apenas no contexto privado; nas palavras da autora “aprisionado entre quatro paredes”, uma volatilidade dos relacionamentos fixos ou os términos decorrentes da transfobia.

Além disso, a autora faz questão de salientar a violência enquanto uma marca que atravessa, sem exceção, todas os corpos e as vivências de mulheres travestis e transexuais:

Suas histórias, vivências, afetos não possuem violência, são a própria violência encarnada em corpos inconformes. Não há como dissociar as vivências de afeto e afetividades das mulheres transgêneras sem pensarmos na enorme violência que as atravessa, brota e se exterioriza vinda de si próprias (Monteiro, 2020, p. 208).

Frida Pascio Monteiro (2020) também ressalta que as violências possuem uma correlação com o padrão rígido de normas e exigências sobre o tipo de homem que tanto as mulheres entrevistadas quanto a sociedade valorizam e desejam, que, nas palavras da autora, são “homens cisgênero e heterossexuais que, certamente, estão longe de ser desconstruídos e reproduzem atitudes machistas, opressoras, agressivas, tóxicas, abusivas e homotransfóbicas” (p. 208). Nesse momento, também, é relevante resgatar mais uma vez as elaborações do primeiro capítulo, principalmente aquelas relacionadas ao padrão de masculinidade construído e mantido através de práticas de reiteração da norma viril.

Entretanto, apesar de toda a violência enfrentada pela população trans e travesti, Frida Pascio Monteiro (2020) faz questão de apontar a potência do amor, não enquanto o amor idealizado, mas aquele que se apresenta como resistência, afirmando o seguinte: “Que o amor, que habita dentro de cada um de nós e que brota do interior dos outros por nós, possa resistir e nos curar hoje e sempre. Amar-se e amar ao outro é, em si, um ato revolucionário” (p. 212).

Linn da Quebrada, por sua vez, em um vídeo da Revista Trip (2016), também aborda questões relativas tanto ao seu trabalho enquanto cantora quanto aos seus processos de (des)identificação sobre os imaginários construídos na mídia e os regimes de regulação dos corpos. Na oportunidade, a artista faz questão de deixar aos internautas os seguintes questionamentos: “Quantas travestis você deu um beijo no rosto no último mês?”; “Com quantas travestis você conversa, você troca ideia?”; “Quantas travestis fazem parte da sua família? Do seu trabalho? Por quê?”.

Nesse sentido, Linn da Quebrada, em consonância com as elaborações de Frida Pasco Monteiro (2020), faz questão de abordar justamente a dificuldade da sociedade em amar as pessoas não cisgêneras para além das quatro paredes. Sendo assim, fica evidente a necessidade de que esse amor apareça também nos espaços públicos, tanto dentro dos relacionamentos afetivo-sexuais como também no respeito e garantia da cidadania dessas pessoas.

5 TRANSFOBIA, SENSO COMUM E PENSAMENTO CIENTÍFICO HEGEMÔNICO

“Aonde quer que eu vá, eu descubro que um poeta esteve lá antes de mim” é com essa frase, atribuída a Freud, que gostaria de iniciar as discussões finais do presente estudo. Primeiro porque desvela um consenso entre os psicanalistas: o de que o artista precede a psicanálise; e segundo: a psicanálise é, antes de tudo, um saber que surge enquanto uma prática terapêutica, inserida no contexto acadêmico e possuidora de uma vocação científica (Pinto, 1999).

Quanto à arte, retorno a destacar que essa pesquisa se produz primeiramente a partir de um espaço de intercessão que só se materializa quando determinada obra de arte atinge algum receptor. Sendo assim, retomemos a artista que proporcionou essa discussão: Linn da Quebrada.

De noite pelas calçadas/ Andando de esquina em esquina/ Não é homem nem mulher/ É uma trava feminina/ Parou entre uns edifícios, mostrou todos os seus orifícios/ Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação/ É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto/ Tá sempre em desconstrução/Nas ruas, pelas surdinas é onde faz o seu salário/ Aluga o corpo a pobre, rico, endividado, milionário/Não tem Deus nem pátria amada/ Nem marido, nem patrão/ O medo aqui não faz parte do seu vil vocabulário/ Ela é tão singular/ Só se contenta com plurais/ Ela não quer pau/ Ela quer paz.

São a partir dessas duas estrofes da música “Mulher”, de Linn da Quebrada, que percebemos como que, através da sua música, ela adianta várias das elaborações apresentadas na presente pesquisa. A artista consegue transmitir aos receptores a dura realidade que pessoas travestis e transexuais enfrentam no cotidiano de suas vidas, principalmente daquelas que, já violentadas pela família e pelo Estado, buscam na prostituição um meio de sobreviver.

Destacam-se nas letras de Linn o lugar de abjeção em que a população trans e travesti é socialmente colocada por meio de um discurso biológico determinista, apontando também para o conseqüente desamparo vivido por essa população.

Nesse aspecto, a artista, em suas músicas, faz questão de deixar claro que o desejo da maioria de todas elas é manter (a duras penas) um modo de sobreviver e alcançar algo da paz, o que, no mundo contemporâneo, depende necessariamente de acessos mínimos: emprego, condições mínimas de trabalho, segurança, saúde, moradia, alimentação.

Já em “Submissa do 7º dia”, Linn da Quebrada adianta os sentimentos ambivalentes daqueles que, apesar de todo o discurso de ódio, extraem da população trans e travesti algo da ordem da satisfação. Nessa música, Linn já aponta o fascínio que muitas pessoas apresentam pela regulação dos corpos. Nas palavras da artista:

Estou procurando, estou tentado entender/ O que é que tem em mim/ Que tanto incomoda você/ Se é a sobrancelha, o peito/ A barba, o quadril sujeito/ O joelho ralado, apoiado no azulejo/ Que deixa na boca o gosto, o beijo/ Saliva, desejo/ Seguem passos certos/ Escritos em linhas tortas/ Dentro de armários suados/ No cio de seu desespero.

Para mais, Linn também já falava do caráter majoritariamente privado das experiências afetivo-sexuais dessa parcela da população e também das frequentes tentativas de reiteração das normas de gênero, as quais são impostas por meio das categorizações realizadas a partir dos aspectos fenotípicos dos corpos.

Nesse sentido, se até o presente momento destacamos (com esses poucos exemplos) a potência revolucionária das obras da artista, é necessário agora apontarmos um ato importante realizado não apenas pelo seu nome artístico, mas também enquanto uma pessoa para além de seu trabalho. Tal ato concretizou-se aos 14 dias de janeiro de 2022 quando foi confirmada participante da vigésima segunda temporada do reality show “Big Brother Brasil” (BBB) da TV Globo.

O reality show “Big Brother Brasil” é constituído, anualmente, a partir do confinamento de um número variável de participantes em uma casa cenográfica vigiada por câmeras 24 horas por dia, sem a conexão desses participantes com alguns aspectos do mundo exterior, não sendo permitido nem a comunicação com seus parentes e amigos, nem o acesso a meios de comunicação como jornais, televisão e internet. Os participantes são escolhidos pela produção do programa, mas podem escolher entrar ou não na casa, e também têm o direito de desistir a qualquer momento. A cada semana, uma quantidade previamente determinada de participantes é indicada pelos companheiros de jogo para enfrentar o voto popular, situação na qual geralmente o mais votado pelo público é eliminado do programa. Desse modo, os objetivos dos participantes giram em torno de vencer provas, superar as eliminações semanais, angariar a simpatia dos telespectadores, formarem alianças entre os participantes e permanecer até o último dia do programa, quando o público decide quem é o grande ganhador da edição.

A título de informação, é importante ressaltar que, nas vinte e uma edições anteriores, apenas uma outra pessoa transgênera participou desse reality show. Ariadna Thalia da Silva Arantes, mulher transexual, participou da décima primeira edição do BBB, em 2011. Naquela ocasião, foi a primeira eliminada do reality, fato este que a mídia da época relacionou a Ariadna não ter explicitado que era uma mulher trans. Para mais, a participante também sofreu (e ainda sofre) inúmeras violências transfóbicas, sendo alvo de chacotas e tendo, até mesmo, seu nome morto (expressão utilizada para se referir ao nome designado ao nascimento) divulgado em inúmeros veículos de informação, tanto impressos como virtuais.

É a partir desse histórico que ressaltamos a participação de Lina enquanto um ato importante não apenas no que tange à vida pessoal da artista, mas também porque aponta para aspectos de interesse social, desvelando como a sociedade vem se estruturando no que se refere à população trans e travesti.

Diante disso, destacamos que a entrada de Lina na casa 11 anos depois, como uma participante “camarote” (especificação utilizada para se referir a pessoas já conhecidas pelo público), já aponta para diferenças significativas, uma vez que, como já abordado anteriormente, vivemos na atualidade um avanço das discussões de gênero.

Sendo assim, torna-se pertinente, nesse momento, destacar algumas das palavras utilizadas por Lina para se apresentar aos demais participantes dentro do reality show BBB:

Meu nome é Lina, Lina Pereira. Também sou conhecida como Linn da Quebrada, que brada, que berra, que borra, que burla. Tenho 31 anos, sou cantora, sou atriz, sou apresentadora, sou agitadora cultural, sou artista, e, pra mim, ser artista não tem a ver com estar na frente de um palco com um microfone na mão [...] pra mim ser artista tem a ver com você ter a possibilidade de criar sobre a sua própria existência, sobre as suas relações [...] Tenho tentado (re)entender “quem sou eu?” [...] Eu não sou só cantora [...] sou filha da Dona Lilian, estou aqui também por ela [...] Para garantir uma velhice mais confortável para a minha mãe [...] Sou determinada, sou corajosa, mas sou muito medrosa, sou complexa, sou contraditória, trabalho com o erro, com a falha, com o fracasso, eu sou o fracasso, eu fracasei. Sou o fracasso de tudo aquilo que esperavam que eu fosse. Não sou homem, não sou mulher, sou travesti [...] To aberta a propostas. (Pereira, 2022 comunicação pessoal, 2022).

A partir desse pequeno recorte, é perceptível o avanço da discussão das pautas identitárias apesar do igual avanço do conservadorismo em nosso país. Para além disso, ressaltamos também a clareza com a qual Lina aborda a questão da sua identidade de gênero no programa e também sobre como quer ser tratada, uma vez que ela se apresenta no gênero feminino.

Apesar da participação de Lina no “BBB 22” permitir uma série de discussões quanto à temática dessa pesquisa, nos deteremos apenas a uma situação que aconteceu várias vezes: o erro do pronome para se referir a Lina ou às demais pessoas trans e travestis.

Nessa sequência, cabe dizer que, durante o programa, o participante Rodrigo Mussi usou o termo “traveco” para se referir a mulheres transexuais e foi repreendido pelos concorrentes Vinicius e Maria, que estavam também presentes. Depois do ocorrido o participante procurou

por Lina, que não estava presente no momento em que ele usou o termo infeliz (Andreolli, 2022).

Na conversa em questão Rodrigo afirmou: “Soltei uma palavra que você tem lugar de fala para me ajudar, orientar. Se quiser. Eu usei ‘traveco’, e o certo é ‘travesti’, né?”. No mesmo diálogo Lina apontou a impertinência do termo, seu caráter depreciativo e ainda completou questionando o concorrente “Você não sente quando diz?” (como citado em Andreolli, 2022).

Para além dessa situação que envolveu Lina indiretamente, diversas vezes os participantes Eslovênia e Lucas trataram Lina por pronomes masculinos e sempre foram advertidos pela artista. O problema se repetiu por tantas vezes que houve uma intervenção externa ocorrida no dia 23 de janeiro de 2022 quando o apresentador Tadeu Schmid fez no programa ao vivo a seguinte solicitação:

Lina, você tem o pronome “Ela” tatuado acima da sobrancelha, eu queria que você explicasse por que fez essa tatuagem e, também, que você dissesse mais uma vez, reforçando, como as pessoas devem tratar você”. Na oportunidade Lina explicou seu motivo: “Eu fiz essa tatuagem, na verdade, por causa da minha mãe. No começo da minha transição, minha mãe ainda errava e me tratava no pronome masculino. Eu falei ‘mãe, olha, eu vou tatuar ‘Ela’ aqui na minha testa pra ver se a senhora não errar’. Acho também que é uma indicação para todas as outras pessoas.” (G1, 2022).

Nesse sentido, ressaltamos que, na metade do programa, erros de pronome ainda aconteciam, como foi o caso de um cometido por Lucas durante a festa no dia 24 de fevereiro, quando disse para Lina e Natália “vêm dançar vocês dois”. Posteriormente o participante desculpou-se com a artista, que respondeu dizendo “Não dá mais para errar isso no meio do programa”.

É a partir desse episódio que Lina expõe algo importante para além das correções que sempre fazia. Durante uma conversa com Eslovênia na qual ela tentava justificar a atitude de Lucas, Lina afirmou “você está tentando aliviar a dor dele” e ainda prosseguiu dizendo: “E quando vão me acolher? Quando vão me acolher? Quando que minha dor vai valer alguma coisa? Quando que cada vez que me matam vai valer alguma coisa? Porque cada vez que fazem isso é como se ignorassem a minha existência. Você sabe o que é isso? Eu sei” (como citado em Andrade, 2022).

Nesse sentido, tomemos o desabafo de Lina não enquanto ao individualizado, mas justamente porque desvela uma série de afetos despertados na população trans e travesti através das inúmeras tentativas de reiteração das normas de gênero que sofrem na sociedade. Mário

Rangel, homem trans entrevistado pelo jornal *Estadão*, traz o seguinte relato sobre as violências sofridas por Lina no programa:

Os vídeos que eu vi dela, eu até me identifico muito com isso. Eu sinto que ela no programa fica ainda mais chateada porque está se sentindo desrespeitada, mas ao mesmo tempo, sabe que não pode fazer uma grosseria, que não pode falar de forma mais firme porque provavelmente isso influenciaria muito em como as pessoas iriam tratar ela aqui fora. Ela está falando ali que ela não quer ser chamada dessa forma, e está todo mundo errando toda hora (como citado em Nascimento, 2022).

Ressaltamos que a trajetória de Lina no reality show não deve ser reduzida às questões aqui abordadas. Inúmeros aspectos da artista e da pessoa por trás do trabalho foram apreciados pelo Brasil durante o período do programa. Reitero que tais fatos foram privilegiados aqui a título de ilustrações das transfobias existentes em nosso país.

Dito isso, a participação de Lina encerrou-se no dia 10 de abril de 2022 quando foi eliminada com 77,6% dos votos contra os 15,66% de Eliezer e os 6,74% de Gustavo. A informação de sua eliminação foi realizada através do seguinte discurso do apresentador Tadeu Schmid:

Pra completar, a Lina, ela que adora brincar com as palavras e suas sonoridades, tanto que tem o nome artístico Linn da Quebrada, que pode ser lido também como Linda Quebrada ou ainda como Linda Que Brada, do verbo bradar, dizer em voz alta, gritar, proclamar, exigir. E o que brada, a Lina? Brada por respeito. Você disse um dia desses que sempre sonhou com a possibilidade do Brasil torcer por alguém como você. E hoje eu pergunto: por que o Brasil não torceria por alguém como você? E eu acredito que você conseguiu. Que as pessoas torceram por você ou contra você, pelo que você fez dentro dessa casa e só. Eu acredito que você conseguiu.

Por sua causa, Lina, o Brasil inteiro sabe. Não tem mais desculpa para errar o pronome: é ela. Por sua causa, Lina, não tem mais desculpa para errar o artigo. É a travesti. E é travesti, e não alguma palavra pejorativa. Quem é capaz de medir o quanto esses erros mexeram com as pessoas aqui fora? O quanto definiram trajetórias aqui dentro? Não foi só o Júnior que você matou, Lina. Você matou também um bocado de preconceitos.

E pra conseguir isso, Linn não teve que bradar. Ela apenas aceitou se expor inteira, por inteiro e inteiramente. Não sei se vocês perceberam, mas hoje foi diferente, hoje não teve suspense. Hoje é dia de dizer o que precisava ser dito. Quem sai hoje é você, Lina.

Por fim, no que tange a participação de Lina no BBB, salientamos também a importância da plataforma na qual as discussões foram realizadas. A Rede Globo é uma das maiores emissoras abertas do Brasil e o reality show em questão é o programa com maior audiência em todo o país (Pancini, 2022). Nesse sentido, o discurso do apresentador parece realmente revelar, pelo menos em termos de alcance, a magnitude das transformações impulsionadas pela presença e pelo discurso de Lina.

Sendo assim, retomemos o ponto de partida e, ao mesmo tempo, o fio que amarra toda a discussão da presente pesquisa, materializados na seguinte afirmação de Bruna Benevides (2022, p. 10): “Desrespeito aos pronomes, aos nomes sociais e às identidades de gênero das pessoas trans continuam naturalizados e com constantes denúncias devido à ausência de políticas e campanhas de conscientização sobre os direitos das pessoas trans”.

Nessa perspectiva, somada a essas violências, é de fundamental importância discutirmos também a contribuição de Berenice Bento e Larissa Pelúcio (2012) ao afirmarem que, no que se refere à transfobia, senso comum e pensamento científico hegemônico se retroalimentam.

Diante disso, se até aqui discutimos a transfobia no que podemos chamar de senso comum, torna-se mister abordar sua apresentação também no pensamento científico. Nessa lógica, além das discussões já apresentadas aqui sobre a transexualidade nos documentos: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) divulgado pela APA e do Código Internacional de Doença (CID-11) discutiremos também a presença de uma estrutura transfóbica em algumas produções psicanalíticas como nos apontam Arán (2006) e Almeida et al. (2020).

Márcia Arán (2006), a partir de uma análise bibliográfica, aponta a recorrência, nos trabalhos sobre transexualidade, da referência à psicanálise lacaniana, destacando os trabalhos de Henry Frignet (2002), M. Czermak (1986), Catherine Millot (1992) e Joël Dor (1987), e salientando nessas produções a relação entre a transexualidade e a compreensão lógica e estrutural da psicose.

Nesse sentido, a autora também afirma que tais produções baseiam-se no argumento lacaniano de que o discurso transexual estaria baseado em uma “certeza delirante em relação a identidade, e no desejo incontornável de ‘mudar de sexo’” (Arán, 2006, p. 55), apontando para um não acesso à castração simbólica e uma aproximação aos psicóticos.

Desse modo, Márcia Arán (2006) afirma que ao percorrer a literatura dos autores que analisou não foi difícil perceber que a fixidez da lei estruturalista estabelece, por meio de uma matriz binária e heterossexual, as posições consideradas legítimas, colocando todo o resto enquanto “um excesso impossível de ser inscrito no âmbito simbólico” (p. 58).

Apesar das leituras psicotizantes da transexualidade propostas por alguns psicanalistas, Márcia Áran (2006) apresenta também outras possibilidades de leitura da experiência transexual, partindo principalmente de uma crítica acerca das formulações sobre a lei simbólica e a suposta forclusão² do Nome do Pai pelas pessoas transexuais.

Nessa perspectiva, Márcia Áran (2006, p. 58) aponta que:

Se compreendermos a lei como uma estrutura anterior e transcendente às manifestações sociais, políticas e necessariamente históricas, o simbólico será apresentado como uma força que não poderá ser modificada e subvertida sem a ameaça da psicose. No entanto, se compreendermos a lei como algo que é vivido e constantemente reiterado de forma imanente às relações de poder, as possibilidades de modificação e subversão inclusive do simbólico, não necessariamente significarão uma ameaça à cultura e à civilização.

Almeida et al. (2020), a partir de uma revisão bibliográfica, também constata uma espécie de repetição nas teorizações psicanalíticas em torno da homossexualidade e da transexualidade, uma vez que a primeira foi historicamente atrelada a uma escolha de objeto narcísica e à perversão, fato este que, segundo os autores, se repete na contemporaneidade em postulações sobre a transexualidade, tidas na maioria das vezes como psicose ou perversão.

Tanto Áran (2006) quanto Almeida et al. (2020) ressaltam a necessidade de um resgate da capacidade subversiva da psicanálise, a qual deveria ter como norte o respeito à singularidade clínica. Nesse sentido, as autoras e os autores em questão propõem que a psicanálise se atente ao seu trabalho de escuta atenta às particularidades de cada sujeito e à não produção de etiologias para sexualidades que divergem do modelo heterossexual cisgênero.

Nessa lógica, torna-se pertinente trazer uma pequena passagem do artigo “Mãe simbólica e função da mãe” (Barroso, 2015), que de maneira muito sutil traz uma abordagem violenta da transexualidade. A produção em questão “[...] aborda a noção lacaniana clássica de mãe simbólica e a operação que ela promove sobre os objetos na constituição do sujeito” (Barroso, 2015, p. 59), passando por uma discussão que pode ser inserida em torna do tema já citado nessa pesquisa, a saber, o declínio social da imago do pai. Seguimos nesse momento para a passagem em questão:

Nesse contexto, uma notícia divulgada na *Folha de São Paulo*, em 27 de julho passado, é exemplar das invenções familiares contemporâneas. A matéria, intitulada *Bebê filho*

² Termo utilizado por Lacan (1999) para se referir ao mecanismo de defesa da estrutura psicótica, o qual pode ser entendido enquanto a não inscrição do significante Nome-do-pai na cadeia significante e no campo do Outro. Keylla Barbosa (2019) aponta que o termo também é um conceito jurídico, corrente tanto na Alemanha quanto na França, para se referir a caducidade de um direito não exercido dentro do prazo determinado.

de pai que nasceu mulher e de mãe nascida homem, conta a história do casal formado pelos travestis Helena e Anderson (Barroso, 2015, p. 62).

No artigo em questão, Suzana Faleiro Barroso (2015) tenta, de maneira rasa, esboçar uma crítica à noção de “parentalidade”, na qual, apoiada nas elaborações de Marie-Hélène Brousse (2006)³, defende a ideia de que tal termo inscreve uma similitude e uma equivalência entre o pai e a mãe, o que caracterizaria uma espécie de tentativa de substituição da diferença significativa por um significante único.

É justamente na tentativa de justificar o apagamento da diferença significativa que a autora usa a matéria como ilustração. Tal argumentação se mostra equivocada quando percebemos que, no centro disso, está uma concepção rígida da diferença sexual enquanto balizador da estruturação psíquica, desvelando “[...] um apagamento da diversidade em detrimento da diferença.” (Laplanche, 1994 como citado em Almeida et al., 2020, p. 92).

Para além das diferentes abordagens teóricas dentro da própria psicanálise, é mister destacar que a autora também parece não se atentar à sua própria proposta: discutir as “funções simbólicas” e não as pessoas genitoras da criança.

Além disso, também é necessário destacar a violência mais “visível” dessa passagem. Para aqueles que compreendem a importância da nomeação própria é impossível não perceber o equívoco da autora quanto à escolha no uso dos pronomes. Ressaltamos mais uma vez que, no que se refere à comunidade LGBT brasileira, a palavra “travesti” refere-se a uma identidade de gênero feminina e, portanto, o pronome “**pelos** travestis” é inadequado.

Nesse sentido, cabe destacar que, no Brasil, a palavra “travesti” foi e ainda é permeada por uma pluralidade de sentidos. Thiago Barcelos Soliva (2018) faz uma análise sobre a “travesti profissional”, a qual, em seu início, esteve bastante vinculada aos homens homossexuais que trabalhavam em espetáculos teatrais vestidos e performando através de signos ditos do gênero oposto.

Entretanto, advertido das nuances que envolvem a palavra “travesti” e seu sentido atual enquanto identidade de gênero, o autor faz questão de deixar claro a polissemia que envolve o uso das categorias “travesti”, “homossexualidade”, “em travesti”, ressaltando que as categorias identitárias relacionadas às diversidades de gênero e sexualidade acabam encerrando problemas de classificação que merecem reflexão por estarem relacionadas de maneira estreita com vários processos de mudança em uma dada sociedade.

³ BROUSSE, M.-H. (2006). Um neologismo da actualidade: la parentalidade. *Quarto-révue de psychanalyse*, n. 88-89, p. 139-148. (como citado em Barroso, 2015, p. 71).

Soliva (2018, p. 53) destaca que “[...] examinar a emergência dessas categorias implica compreender como as diferentes sociedades constroem expectativas sociais acerca de seus indivíduos, cuja função é atenuar as ansiedades provocadas pela possibilidade da ambiguidade”. Nesse sentido, é de extrema importância ressaltar que, apesar do estudo em questão abordar o sentido da palavra “travesti” relacionado ao contexto laboral dos espetáculos, o autor refere-se a essa categoria usando pronomes femininos.

Ademais, as pesquisas recentes sobre a identidade de gênero “travesti” são bastante claras quanto ao uso dos pronomes femininos e sua importância na garantia dos direitos dessas pessoas. Próchno e Rocha (2011), ao problematizarem a questão do nome no âmbito jurídico, apontam que, em suas pesquisas, as travestis relatavam com frequência o incômodo experienciado nos momentos em que há uma solicitação de apresentação de seus documentos (ainda não retificados) em diferentes instituições e o medo de um confronto com o outro diante da incompatibilidade entre o nome, a foto e a pessoa interpretada no “real”. Nessa perspectiva, os autores apontam que “o jogo do nome para as travestis acompanha a construção do feminino travesti, sempre negociado, (re) significado” (Próchno; Rocha, 2011, p. 257).

A título de localização temporal salienta-se que o artigo “Mãe simbólica e função da mãe” de Suzana Faleiro Barroso foi publicado no ano de 2015. Ressalta-se que, naquele ano, uma quantidade significativa das bibliografias utilizadas na presente pesquisa já havia sido propalada, inclusive no âmbito psicanalítico, como é o caso das contribuições de Márcia Aran (2006).

Nessa perspectiva, partindo dos princípios metodológicos que toda pesquisa exige, podemos perceber um certo descaso para com a população trans citada no estudo de Barroso (2015), na qual, questões importantes relacionadas aos aspectos sociais, históricos e culturais não foram abordados nem sequer em nota de rodapé, endossando discursos ultrapassados no que tange os estudos de gênero e sexualidade. Sendo assim, recorreremos mais uma vez à voz de Linn da Quebrada (como citado em ANDRADE, 2022): “Não dá mais para errar isso [...]” e

Quando vão me acolher? Quando que minha dor vai valer alguma coisa? Quando que cada vez que me matam vai valer alguma coisa? Porque cada vez que fazem isso é como se ignorassem a minha existência. Você sabe o que é isso? Eu sei.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Baseado em carne viva e fatos reais/ É o sangue dos meus que escorre pelas marginais/ E vocês fazem tão pouco mas falam demais/ Fazem filhos iguais/ Assim como seus pais/ Tão normais e banais/ Em processos mentais” (Linn da Quebrada, Música “Bomba pra caralho”)

Linn da Quebrada é certa ao cantar o verso que abre a discussão final dessa pesquisa. Nessa perspectiva, ressalta-se que os resultados obtidos aqui endossam algo que a população trans e travesti vem tentando falar há anos: os limites, tanto do discurso científico quanto da população brasileira em geral, na escuta e na defesa dos direitos da população não cisgênera.

Notamos os reflexos dessas limitações nos resultados da pesquisa, ao percebermos que a única categoria presente nos comentários de todas as reportagens e plataforma digital pesquisadas é a “Ofensa e Comentários violentos”. Diante disso, é de fundamental relevância apontar que a transfobia se constitui enquanto uma violência estrutural que atravessa todas as esferas da sociedade, refletindo na segregação e na falta de acessos da população trans e travesti aos direitos básicos fundamentais, como moradia, saúde, educação, trabalho, previdência social, lazer e principalmente segurança (Benevides, 2022).

Para mais, é de fundamental importância sempre nos lembrar que o Brasil, com a maior frequência mundial, é o país que mais comete crimes fatais contra a população trans e travesti, desvelando que a violência estrutural é simbólica, mas sobretudo física. Como denuncia Linn da Quebrada: “Baseado em carne viva e fatos reais/ É o sangue dos meus que escorre pelas marginais [...]” (Música “Bomba pra caralho”).

Nesse sentido, a fim de endossar a insegurança vivenciada pela população não cisgênera, retomamos os resultados obtidos nessa pesquisa. Nota-se que as categorias relacionadas aos processos de segregação e privação dos direitos das pessoas trans e travestis (“Comentários violentos/Ofensas”, “Comentários vinculados a ideais religiosos”, “Comentários deslegitimadores das identidades trans/travesti”, “Comentários negativos”, “Comentários contra trans/travesti”) somam 49,5% de todos os comentários analisados e, se excluídos os comentários dos internautas do YouTube, as mesmas categorias somam 69,2% dos resultados.

Diante desses números, podemos perceber os reflexos daquilo que foi discutido no segundo capítulo: os impactos da concepção de sujeito advinda do Cogito cartesiano relacionados principalmente ao ambiente virtual. Nessa perspectiva o Cogito de Descartes

define o sujeito como objeto do pensamento, o que resulta em uma lógica a partir dos binômios: pensável/impensável e dizível/indizível (Erlich & Alberti, 2008, p. 53).

Desse modo, a noção da existência do sujeito a partir da razão resultante do Cogito cartesiano, resulta também na divisão subjetiva própria da experiência humana (mente/corpo, pensável/impensável e dizível/indizível) a qual permite a Freud (1917) formular suas elaborações sobre o sujeito do inconsciente, uma vez que evidencia que o sujeito também é onde não pensa: “o eu já não é o senhor dentro de sua própria casa”.

É justamente a partir da divisão subjetiva dos sujeitos e sua relação com a coexistência de afetos contrários voltados para um mesmo objeto que podemos pensar em como o cyberspaço pode exacerbar as violências contra a população trans, uma vez que as vivências afetivas nesse espaço são fragmentadas e cindidas bem como alteram nossas relações com os outros, que também passam a ser divididos.

A internet torna-se então um espaço pelo qual – através do anonimato – o sujeito pode satisfazer seus desejos sexuais (como é o caso do consumo da pornografia com pessoas trans e travestis), assim como também o permite dar vazão a seus impulsos agressivos, como é o caso dos ataques virtuais a pessoas trans e/ou aos seus trabalhos.

Dito isso, é necessário explicar o porquê da necessidade da análise separada e contextualizada dos resultados obtidos a partir da plataforma digital “YouTube”. De antemão observamos que a plataforma em questão permite a cada artista disponibilizar, alugar ou vender seu próprio trabalho, além de ser também um espaço para interação com seus receptores. Nessa perspectiva, podemos, por dedução, inferir que encontraremos nesse espaço pessoas interessadas em consumir o trabalho da artista, uma vez que tais dispositivos permitem o acesso direto daquelas pessoas que a admiram.

Desse modo, percebemos que de todas as mídias analisadas nessa pesquisa, o YouTube foi a plataforma na qual podemos perceber um maior engajamento de pessoas aliadas às pautas de pessoas trans e travestis, a possível justificativa para esse fato é justamente a proximidade que pode ser estabelecida entre o internauta admirador e a artista.

Nessa perspectiva, se até aqui havíamos discutido o potencial da internet, torna-se imprescindível não recorrer a argumentações dicotômicas e reducionistas ao tentar definir o cyberspaço apenas como um ambiente nocivo.

A internet parece então assumir duas faces, se por um lado ela acaba por servir às ações violentas e segregacionistas, observamos também, a partir das categorias “Comentários positivos”, “Comentários reflexivos/provocadores”, “Comentários legitimadores das identidades trans/travesti”, “Comentários pró trans/travesti” e “Demonstrações de afetos

positivos para com a artista”, um crescente uso das plataformas digitais para organização política, denúncia de violências e criação de redes de apoio, uma vez que tais categorias somam 48,7% de todos os comentários analisados nessa pesquisa.

A partir desses resultados podemos também perceber que, no que concerne ao combate à transfobia, a maioria das ações são realizadas pela organização da sociedade civil, desvelando, a partir disso, que, para além das violências sofridas pelos pares – outros cidadãos – existem também aquelas que são perpetradas pelo próprio Estado, em forma de negligência.

Nessa perspectiva, é necessário apontar que o Estado acaba por não cumprir com a população trans e travesti seu dever disposto no Art. 5º da Constituição brasileira de 1988:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...].

O Estado então se mostra omissivo quando não realiza um levantamento estatístico acerca da população LGBTI, conseqüentemente não realizando um rastreamento das necessidades dessa parcela da população, culminando na quase ausência de políticas públicas que garantam sequer a sobrevivência dessas pessoas.

Assim sendo, o Estado brasileiro revela sua paixão pela ignorância, na medida em que, ao negligenciar essas pessoas, age como se fosse possível o apagamento delas, ou então, tenta, a partir da não notificação das mortes, apagar a existência – no mínimo a nível documental – desses corpos massacrados, o que, indiscutivelmente, alimenta o circuito da violência.

Dentro dessa lógica, é pertinente salientar que o perfil médio da pessoa que ocupa o cargo de deputado(a) federal brasileiro(a) eleita em 2018 é caracterizado enquanto: homem, branco, casado, com ensino superior completo e com média 49 anos (CAESAR, 2018). Nesse sentido, podemos também retomar as elaborações do primeiro capítulo da dissertação, no qual discutimos os mecanismos pelos quais a dominação masculina se perpetuou e aparentemente continua se perpetuando.

Assim sendo, a partir do material analisado na pesquisa e do referencial teórico utilizado, podemos perceber a existência de uma série de “instituições” que são aparelhas discursivamente para regular os corpos. Desse modo, os resultados aqui apresentados corroboram com as produções de Judith Butler (2019) ao afirmar que a performatividade de gênero, entendida enquanto uma “[...] prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia” (p. 16) é um dos mecanismos pelos quais os corpos são cruelmente classificados entre os inteligíveis e os ininteligíveis, entre aqueles que, como já nos alertou Linn da Quebrada, estarão na TV e aqueles que ocuparão as margens da sociedade.

Nesse sentido, a partir das categorias presentes nessa pesquisa e das contribuições do primeiro capítulo, principalmente segundo elaborações de Arnaud Baubérot (2013), em “Não se nasce viril, torna-se viril”, é perceptível a influência das instituições e dos espaços na socialização e construção das pessoas em uma lógica rígida e binária. Destaca-se tanto nas produções de Baubérot (2013) quanto nas categorias a influência da família, escola e instituições religiosas.

A essas questões somam-se os problemas relacionados à abordagem da travestilidade e transexualidade por parte da ciência hegemônica. Lima et al. (2020), em uma análise bibliométrica das teses e dissertações sobre o tema, apontam uma maior tendência de produções voltadas para o processo transexualizador no SUS ao longo dos últimos 20 anos concentradas principalmente nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Além disso, os pesquisadores ressaltam que o viés binário rígido e patologizante se mostra presente na maioria das teses e dissertações analisadas.

À vista disso, podemos concluir que, de uma maneira não tão sutil, as diferentes instituições sociais organizam seus discursos e conseqüentemente também as pessoas a partir de uma lógica binária rígida. Desse modo, a diferença anatômica dos sexos é elencada enquanto marcador principal, estando apenas o pênis e a vagina dentro da inteligibilidade, a partir desses marcadores o gênero é designado: mulher para os sujeitos com vagina e homem para os sujeitos com pênis. O gênero na verdade será construído e reiterado a partir de uma série de normas e papéis sociais. Dentro dessas prescrições, podemos destacar a sexualidade, na qual a heterossexualidade será a única concebida dentro da norma.

Sobre essa lógica rígida, Linn da Quebrada, a partir de sua arte, vai apontar as porosidades existentes no campo dos sexos, dos gêneros, das sexualidades, o que conseqüentemente desvela as inconsistências das normas do sistema sexo/gênero. Nesse sentido, a artista, de maneira precisa e debochada, desvela tanto o mecanismo citacional dessas normas quanto sua relação com os processos de dominação masculina: “E vocês fazem tão pouco mas falam demais/ Fazem filhos iguais/ Assim como seus pais/ Tão normais e banais/ Em processos mentais” (Linn da Quebrada, Música “Bomba pra caralho”).

Diante de todas as informações aqui dispostas, podemos concluir que as causas da transfobia são muitas e estão relacionadas a tantas outras, as quais destacamos aqui o racismo, a desigualdade social e a intolerância religiosa.

Concluimos, ademais, que a transfobia é também um resultado direto daquilo que Butler (2019) explicou acerca das normas regulatórias do “sexo” que definem e delimitam as fronteiras entre o inteligível e o “abjeto”. Sobre tais processos, destacamos aqui a construção da virilidade

enquanto fator classificatório dos sexos/gêneros, sendo um aspecto validante quando relacionado a um homem cisgênero e degradante quando referenciado em uma mulher, seja ela cisgênera ou trans/travesti. Como exemplo disso, podemos salientar os comentários de internautas, que usaram marcadores físicos, como o pênis e a calvície, historicamente e socialmente relacionados ao homem, para violentar a Linn da Quebrada.

Nessa lógica, a presente pesquisa endossa a seguinte afirmação de Bruna Benevides (2022, p. 15):

A realidade é que pessoas trans não tem proteção e tampouco se sentem seguras em existir e viver em uma sociedade *cissexista*, que desumaniza essas existências, incluindo os requintes de crueldade. E onde o próprio estado, governos e agentes público tem sido parte do problema sob diversas óticas.

Por fim, o que se interpõe para nós é a urgente necessidade de políticas públicas que permitam a existência da população trans e travesti e o gozo pleno de todos os direitos fundamentais resguardados a população brasileira por nossa constituição.

Para tanto, torna-se mister, nessa construção, a necessidade de que a sociedade, nos seus mais diversos setores (civil, científico, religioso, político e jurídico), consiga escutar as violências sofridas e há tanto tempo denunciadas pela própria população trans e travesti.

Quanto à dificuldade da sociedade em escutar a população trans e travesti, recorreremos nesse momento as elaborações de Freud em seu texto “O ‘Estranho’” publicada em 1919. Nesse estudo, o autor se vê impelido a pesquisar o tema da estética, não apenas como teoria do belo, mas principalmente enquanto a teoria das qualidades do sentir.

Na oportunidade, o autor aborda a estética a partir do tema do “estranho”, partindo de sua relação com aquilo que geralmente é assustador, provoca medo e horror. Além disso, Freud (1919) também destaca que tal palavra nem sempre é utilizada num sentido claramente definível, de maneira que acaba coincidindo com aquilo que desperta o medo em geral.

No que toca as variadas definições semânticas, o autor parte da palavra alemã *Heimlich* e faz também um levantamento em outras línguas, mas constata que “[...] temos a impressão de que muitas línguas não têm palavra para essa particular nuance do que é assustador” (FREUD, 1919, p. 237).

Nessa perspectiva, na trilha das elaborações sobre o “estranho”, Freud (1919, p. 240); aponta que, em sua língua, a palavra *Unheimlich* significa: “[...] misterioso, sobrenatural, que desperta horrível temor [...]”, e é na grande maioria das vezes usada como oposto de *Heimlich*, que significa: “[...] pertencente à casa, não estranho, familiar, doméstico, **íntimo**, amistoso etc.” (FREUD, 1919, p. 238).

Entretanto, ao analisar minuciosamente a aplicação e o significado das duas palavras, o autor percebe que, entre os diferentes matizes de significado da palavra *Heimlich*, existe um que é idêntico ao seu oposto *Unheimlich*. Desse modo, Freud (1919, p. 241) salienta que “Segundo Schelling, *unheimlich* é tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto mas veio à luz”.

Desse modo, a partir do estudo semântico, de um apanhado de casos clínicos e da análise de ficções, o autor aponta que o estranho [...] é aquela categoria do assustador que remete a algo que é conhecido, de velho, e há muito familiar (FREUD, 1919, p. 236).

Sendo assim, a partir das contribuições da psicanálise, Freud (1919, p. 256). afirma que “[...] todo afeto pertencente a um impulso emocional, qualquer que seja a sua espécie, transforma-se, se reprimido em ansiedade, então, entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido que *retorna*”.

Partindo dessas elaborações, retomamos os comentários analisados na presente pesquisa que, com uma frequência elevada, utilizaram a palavra “bizarro” ou “estranho” para se referir a Linn da Quebrada e seu trabalho. Talvez, o que possamos pensar sobre a recorrência e igualdade dos termos utilizados sobre a presença e o trabalho da artista, é o fato de que tais produções abalam as defesas que uma grande parcela da população ergueu para não refletir sobre as limitações das categorias “sexo”, “gênero” e “sexualidade”.

Linn da Quebrada em suas músicas verbaliza desejos proibidos para a maioria das pessoas, justamente porque se propõe a borrar os limites criados pelas normas regulatórias do sexo. Desse modo, a artista parece colocar quem a escuta frente-a-frente com os seus próprios desejos e com suas próprias inconsistências, corroborando assim com as elaborações freudianas de que a sensação do “estranho” tem íntima relação com o retorno daquilo que foi reprimido, com a “compulsão à repetição” e com os complexos infantis, principalmente o Complexo de castração.

À vista disso, torna-se pertinente nesse momento apontar a necessidade, principalmente da universidade que já está alertada de suas limitações, em pesquisar e revisar a abordagem e as grades curriculares no que tocam as questões do “sexo” e do “gênero”, a fim de localizar e sanar os problemas relacionados à transfobia estrutural presente em muitos estudos. Nesse sentido, apontando novamente para o silêncio do Estado e para a postura patologizante da ciência hegemônica, retomo aqui o comentário bastante pertinente de um internauta: “[...] sugiro mais estudo e menos choro.” (Gabriel).

Por fim, o que parece estar em jogo, é a incapacidade que cada um têm de abrir mão de suas certezas sem recair sobre o domínio da abjeção. Sobre isso, gostaria de finalizar essas considerações repetindo as palavras de quem as provocou: “Quantas travestis você deu um beijo no rosto no último mês?”; “Com quantas travestis você conversa, você troca ideia?”; “Quantas travestis fazem parte da sua família? Do seu trabalho? Por quê?” (Trip TV, 2016).

REFERÊNCIAS

- Almeida, P. T., Castro, M. F., & Ribeiro, S. D. (2020). Teorizar, repetir e patologizar: a leitura psicanalítica sobre as homossexualidades e transexualidades. *Revista Latinamericana de Psicopatologia Fundamental*, 23(1), 77-98.
- American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Artmed.
- Amora, A. S. (2009). *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa*. Saraiva.
- Andrade, R. (2022). BBB22: Eslovênia tapa a boca de Lina com as mãos e sister se revolta. *Metrópoles*. <https://www.metropoles.com/entretenimento/bbb/bbb22-eslovenia-tapa-a-boca-de-lina-com-as-maos-e-sister-se-revolta>.
- Andreoli, L. (2022). BBB 22: Rodrigo usa o termo “traveco” e é repreendido por brothers e procura Linn da Quebrada: “Fiquei muito mal”, assista. *UOL*. <https://hugogloss.uol.com.br/tv/bbb/bbb22-rodrigo-usa-o-termo-traveco-e-repreendido-por-brothers-e-procura-linn-da-quebrada-fiquei-muito-mal-assista/>.
- Arán, M. (2006). A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Revista Ágora*, 9(1), 49-63.
- Arán, M., & Murta, D. (2009). Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. *Physis*, 19(1), 15-41.
- Arenas, Cunha, & Machín. (2019). *Argumento do IX ENAPOL - Ódio, cólera, indignação: desafios para a psicanálise*. 2019. <https://ix.enapol.org/argumento/>.
- Audoin-Rouzeau, S. (2013). A Grande Guerra e a história da virilidade. In A. Corbin, J.-J. Courtine, & G. Vigarello. (Orgs.), *História da virilidade: o triunfo da virilidade: o século XIX* (v. 2, pp. 503-512). Vozes.
- Badinter, É. *XY – De l’identité masculine*. Paris: Odile Jacob, 1992.
- Barbosa, K. (2019). Da Verwerfung em Freud à forclusão em Lacan. *Reverso*, 41(77), 57-64. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_art-text&pid=S010273952019000100007&lng=pt&nrm=iso.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Edições 70, 2011.
- Barroso, S. F. (2015). Mãe Simbólica e Função da Mãe. *Curinga*, 40, 59-72, 2015.
- Baubérot, A. (2013). Não se nasce viril, torna-se viril. In A. Corbin, J.-J. Courtine, & G. Vigarello. (Orgs.), *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI* (v. 3, pp. 189-220). Vozes.

- BBB22: Choro e emoção marcam apresentação dos brothers. (2022). *Gshow*.
<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb22/tempo-real/noticia/pipoca-e-camarote-se-apresentam-oficialmente-apos-a-chegada-dos-ultimos-brothers.ghtml>.
- Bedinelli, T. (2017). Os parlamentares religiosos tendem a ser mais conservadores do que a população evangélica. *ElPaís Brasil*.
https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/02/politica/1512221378_127760.html.
- Benevides, B. G., & Nogueira, S. N. B. (2021). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*. Expressão Popular, ANTRA, IBTE.
- Benevides, B. G. (2022). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2021*. Distrito Drag, ANTRA, IBTE.
- Bento, B., & Pelúcio, L. (2012). Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas*, 20(2), 559-568.
- Bonfim, F. G. (2020). Declínio viril e o ódio ao feminino: entre história, política e psicanálise. *Revista Periódicus*, 1(13), 9-24.
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/35256/21725>.
- Butler, J. (2019). *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. N-1 Edições.
- Caesar, G. (2018). Perfil médio do deputado federal eleito é homem, branco, casado e com ensino superior. *GI*. <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numericos/noticia/2018/10/21/perfil-medio-do-deputado-federal-eleito-e-homem-branco-casado-e-com-ensino-superior.ghtml>.
- Castro, D. (2022). Linn da Quebrada. *UOL*. <https://noticiasdatv.uol.com.br/bbb/big-brother-brasil-22/participantes/linn-da-quebrada-167>.
- Ceccarelli, P. R. (2017). Psicanálise, sexo e gênero. *Estudos de psicanálise*, 48, 135-145.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372017000200014&lng=pt&nrm=iso.
- Cevasco, R. (2010). *La discordancia de los sexos. Perspectivas psicoanalíticas para un debate actual*. Ediciones.
- Cherer, E. Q. (2018). *A noção de pai em psicanálise: do declínio ao pai morto*. [Tese de Doutorado]. Universidade de Brasília.
https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/34156/1/2018_EvandrodeQuadrosCherer.pdf.
- Coelho, H. (2019, 8 de setembro). Autores e editores fazem manifesto contra censura na Bienal do Livro do Rio. *GI*. <https://g1.globo.com/rj/rio-de->

janeiro/noticia/2019/09/08/atores-e-editores-fazem-manifesto-contr-censura-na-bienal-do-livro-do-rio.ghtml.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. ([2020]). Presidência da República.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

Corbin, A., Courtine, J.-J., & Vigarello, G. (Orgs.). (2013a). *História da virilidade: Volume 1: A invenção da virilidade: da Antiguidade às Luzes*. Vozes.

Corbin, A., Courtine, J.-J., & Vigarello, G. (Orgs.). (2013b). *História da virilidade: Volume 2: O triunfo da virilidade: o século XIX*. Vozes.

Corbin, A., Courtine, J.-J., & Vigarello, G. (Orgs.). (2013c). *História da virilidade: Volume 3: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Vozes.

Courtine, J.-J. *Impossível virilidade*. In A. Corbin, J.-J. Courtine, & G. Vigarello. (Orgs.), *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI* (v. 3, pp. 7-12). Vozes.

Czermark, M. (1982). *Précisions sur la clinique du transsexualisme*. Le discours psychanalytique, n.3, p.16-22.

Dor, J. (1987). *Transsexualisme et sexe des anges*. Structure et Perversions. Paris: Denoël, p.235-56.

Eiroa, C. (2016). Eu gosto mesmo é das bichas. *Revista TRIP*.

<https://revistatrip.uol.com.br/trip-tv/mc-linn-da-quebrada-em-entrevista-ao-trip-tv-genero-sexo-religiao-e-funk>.

Em vídeo, Bolsonaro diz que gays “não terão sossego”: “sou homofóbico sim com muito orgulho”. (2018, 12 de outubro). *BHAZ*. <https://bhaz.com.br/2018/10/12/bolsonaro-sou-homofobico-com-muito-orgulho/#gref>;

Erlich, H., & Alberti, S. (2008). O sujeito entre psicanálise e ciência. *Psicologia em revista*, 14(2), 47-63. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000200004&lng=pt&nrm=iso.

Fajnwaks, F. (2017). Não haverá algoritmo para digitalizar o analista. *Revista Derivas Analíticas*. Originalmente publicado na revista *La Cause du Désir*, número 97: Internet Avec Lacan. Navarin Éditeur, novembro de 2017. Gentilmente cedido pelo autor para tradução e publicação na Revista Derivafs Analíticas. <http://www.revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/algoritmo-analista>.

Falconnet, G; Lefaucheur, N (1975). *La fabrication des mâles*. Paris: Seuil.

Fernandes, F. B. M. (2013). Assassinatos de travestis e “pais de santo” no Brasil: homofobia, transfobia e intolerância religiosa. *Revista Saúde em Debate*, 37(98), 485-492.

- Fonseca, R. (2018, 18 de fevereiro). Cantora ícone da cultura trans de SP, Linn da Quebrada vira estrela de documentário na Berlinale. *Omelete*.
<https://www.omelete.com.br/filmes/cantora-icone-da-cultura-trans-de-sp-linn-da-quebrada-vira-estrela-de-documentario-na-berlinale>.
- Freitas, A. L., & Rudge, A. M. (2011). O supereu entre o amor e o gozo. *Tempo psicanalítico*, 43(2), 244-267.
- Freud, S. (1976). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Imago.
- Freud, S. (1990). *Totem e Tabu*. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. 13, pp. 11-125). Imago.
- Freud, S. (1996). *A Interpretação dos Sonhos* (vol. 4). Imago.
- Freud, S. (1996). O estranho, 1919. In S. Freud, *Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)* (pp. 233-270). Imago.
- Freud, S. (2006). Além do Princípio de Prazer. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (vol. 2), Imago.
- Freud, S. (2010). Novas conferências introdutórias à psicanálise (A feminilidade). In S. Freud, *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos – Obras Completas* (vol. 18). Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras.
- Freud, S. (2010). Uma dificuldade da psicanálise (1917). In S. Freud, *História de uma neurose infantil (O “Homem dos lobos”)*, *Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Companhia das Letras. Tradução de Paulo César de Souza.
- Freud, S. (2012). O interesse científico da psicanálise (1913). In S. Freud, *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. Companhia das Letras. Tradução de Paulo César de Souza.
- Frignet, H (2000). *O transexualismo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Germano, F. (2018, 8 de maio). Brasil é o país que mais procura por transexuais no RedTube – e o que mais comete crimes transfóbicos nas ruas. *SuperInteressante*.
<https://super.abril.com.br/comportamento/brasil-e-o-pais-que-mais-procura-por-transexuais-no-redtube-e-o-que-mais-comete-crimes-transfobicos-nas-ruas/>.
- Haroche, C. (2013). Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In A. Corbin, J.-J. Courtine, & G. Vigarello. (Orgs.), *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI* (vol. 3, pp. 15-34). Vozes.
- Jauss, H. R. (1994). *A História da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. Ática.

- Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário. Livro 20: Mais, ainda*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1999). *O Seminário 5: As Formações do Inconsciente*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1999). *Seminário 3: As psicoses*. Jorge Zahar.
- Lima, R. R. T., Flor, T., Araújo, P., & Noro, N. (2020). Análise bibliométrica de teses e dissertações brasileiras sobre travestilidade, transexualidade e saúde. *Trabalho, Educação e Saúde*, 18(3),
<https://www.scielo.br/j/tes/a/wrr7g3F9HKQNnMN6HzbKb3L/?lang=pt>.
- Lina é eliminada do ‘BBB 22’ com 77,6% dos votos. (2022). *EXTRA*.
<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/bbb/lina-eliminada-do-bbb-22-com-776-dos-votos-25470464.html>.
- Lucas erra pronome de Lina e sister rebate: ‘Não dá mais para errar isso’. (2022). *SPLASH UOL*. <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/02/24/lucas-erra-pronome-de-lina-e-sister-rebate-nao-da-mais-para-errar-isso.htm>.
- Lustoza, R. Z., Cardoso, M. J. E., & Calazans, R. (2014). “Novos sintomas” e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Revista Ágora*, 17(2), 201-213.
<https://www.scielo.br/j/agora/a/9hDBzBX8gxmvkjg4Y59Rw6S/?lang=pt&format=pdf>
- Millot, C (1992). *Extrasexo: Ensaio sobre o transexualismo*. Editora Escuta: São Paulo
- Melo, G. F., Giovani, A., & Troccóli, B. T. (2004). Esteriótipos de gênero aplicados a mulheres atletas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(3), 251-256.
<https://www.scielo.br/j/ptp/a/t6qmcyZLcMyyk9M4xY3MjZp/abstract/?lang=pt>.
- Miranda, M. L. (2007). *Objeto ambíguo: arte e estética na experiência cotidiana, segundo H. R. Jauss* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Minas Gerais.
https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ARBZ-7JRHSC/1/objeto_amb_guo.pdf.
- Miskolci, R. (2009). A Teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, (21), 150-182.
- Monteiro, F. P. (2020). *Vivências afetivo-sexuais de mulheres travestis e transexuais* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Estadual Paulista.
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/194086>.
- Nascimento, R. (2022). Linn da Quebrada reforça a importância de utilizar os pronomes corretos. *Estadão*. <https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,linn-da-quebrada-reforca-a-importancia-de-utilizar-os-pronomes-corretos,70003997143>.
- Natividade, M., & Oliveira, L. (2009). Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista*

- Quinet, A. (2011). *Teoria e Clínica da Psicose*. Forense.
- Rock Content. (2019). Saiba como funciona um algoritmo e conheça os principais exemplos existentes no mercado. <https://rockcontent.com/br/blog/algoritmo/>.
- Rodrigues, M. (2022). Entenda a diferença entre travesti e mulher trans; tema ganha destaque com Linn da Quebrada no BBB 22. *GI*. <https://g1.globo.com/pop-arte/diversidade/noticia/2022/01/27/entenda-a-diferenca-entre-travesti-e-mulher-trans-tema-ganha-destaque-com-linn-da-quebrada-no-bbb-22.ghtml>.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Jorge Zahar.
- Santiago, J. (2018). Adeus ao pai morto ou clínica da pai-versão. *Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais – Almanaque On-line*, (20). http://almanaquepsicanalise.com.br/wp-content/uploads/2018/03/1.1-Jesus-Santiago_Versao-final-2.pdf.
- Santos, G. G. C. (2016). Diversidade sexual, partidos políticos e eleições no Brasil contemporâneo. *Revista Brasileira de Ciência Política*, (21), 147-186.
- Sarmiento, G. (2019a, 6 de setembro). Linn da Quebrada avisa: ‘Não dou espaço para que tenham outras leituras da minha música’. *GI*. <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2019/noticia/2019/09/06/nao-dou-espaco-para-que-tenham-outras-leituras-da-minha-musica-diz-linn-da-quebrada.ghtml>.
- Sarmiento, G. (2019b, 9 de outubro). Linn da Quebrada comenta estreia na TV e ‘humanização da travesti e da mulher trans’. *GI*. <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/10/09/linn-da-quebrada-comenta-estreia-na-tv-e-humanizacao-da-travesti-e-da-populacao-trans.ghtml>.
- Secretaria da Educação do Paraná. (n.d.). *As Mulheres e as Leis Brasileiras através da História*. Recuperado em 25 de julho de 2022, de <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=841>.
- Soliva, T. B. (2018). Sobre o talento de ser fabulosa: os “shows de travesti” e a invenção da “travesti profissional”. *Cadernos Pagu*, (53).
- Soto, C. (2019, 16 de agosto). Bolsonaro diz que não vai financiar produções com temas LGBT; conheça séries citadas. *GI*. <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/08/16/bolsonaro-diz-que-nao-vai-financiar-producoes-com-temas-lgbt-conheca-series-citadas.ghtml>.

- Souza, L. (2022). Linn da Quebrada é participante do BBB22; conheça. *Gshow*.
<https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb22/noticia/linn-da-quebrada-e-participante-do-bbb22-conheca.ghtml>.
- Tapias, J. A. P. (2003). *Internautas y Naufragos: La busqueda del sentido em la cultura digital*. Trotta.
- Tatá Werneck abre redes sociais para ‘ocupação’ de Linn da Quebrada: ‘Preciso aprender’ (2020, 25 de julho). *G1*. <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/06/05/tata-werneck-abre-redes-sociais-para-ocupacao-de-linn-da-quebrada-preciso-aprender.ghtml>.
- Trip TV. (2016). *Eu gosto mesmo é das bicha* [Vídeo]. YouTube.
<https://www.youtube.com/watch?v=A9KKFSyvlS4>.
- Trombini, M. (2022). Transfobia no “BBB 22”: a importância dos pronomes para pessoas trans. *IG Queer*. <https://queer.ig.com.br/2022-02-24/linn-da-quebrada-bbb-22-transfobia-pronomes-errados.html>.
- Tudo sobre Linn da Quebrada. (2022). *UOL*. <https://natelinha.uol.com.br/famosos/tudo-sobre/linn-da-quebrada>.
- Vigarello, G. (2013). *A virilidade, da Antiguidade à modernidade*. In A. Corbin, J.-J. Courtine, & G. Vigarello. (Orgs.), *História da virilidade: a invenção da virilidade: da Antiguidade às Luzes* (vol. 1, pp. 11-16). Vozes.
- Voks, D. J. (2021). Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, (37), 1-22. <https://www.scielo.br/j/sess/a/JGthW55b5gyjjZQvBzdC9tG/>.
- World Health Organization. (2019). *ICD-11 for mortality and morbidity statistics. Version: 2019*. <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>.
- YouTube Filmes. (2019). *Bixa Travesty* [Vídeo]. YouTube.
<https://www.youtube.com/watch?v=76-Up6y7Axw>.